

10 ANOS
G

MAIS GUIMARAES
A REVISTA DA CIDADE BERÇO

N120 MENSAL: ABRIL 2023
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
DIRETOR ELISEU SAMPAIO



VANESSA MARQUES

**"QUERO SENTIR-ME FELIZ
A FAZER O QUE MAIS
GOSTO."**

MARISA OLIVEIRA A VOZ COMO INSTRUMENTO
VICTOR HUGO PONTES CELEBRA 20 ANOS DE CRIAÇÃO
JORGE PAIVA E ZANGÃO QUANDO UM ANIMAL SE TORNA OS OLHOS DE UM INVISUAL



O 4.º ANIVERSÁRIO DA AS IMOBILIÁRIA TAIPAS “É SÓ O PRINCÍPIO!”

FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS • TEXTO: ELISEU SAMPAIO

No início do mês, a 6 de abril, a AS Imobiliária Taipas comemorou o seu quarto aniversário. Reunindo consultores, amigos e parceiros, brindou-se ao sucesso alcançado e ao muito que ainda está por vir. Porque, como dizem Hugo Mendes e Pedro Coelho, responsáveis pela agência imobiliária localizada no centro da vila termal, quatro anos “é só o princípio”.

Em 2022, a agência de Caldas das Taipas, integrada no grupo AS Imobiliárias, “sendo a única que não está no centro de uma cidade”, ficou em primeiro lugar no número de angariações e em faturação. “O que nos enche de orgulho e faz sentir que este é o caminho certo”, referiram os responsáveis à Mais Guimarães.

Quatro anos após terem arriscado a abertura da agência em Caldas das Taipas, uma vila que ainda não possuía “uma agência imobiliária da nossa envergadura, o balanço é extremamente positivo. Passados quatro anos, consideramos que fez todo o sentido termos avançado com este projeto”, disse Pedro Coelho.

Para além de poderem passar a dar um apoio mais próximo aos clientes e parceiros que tinham naquela área do concelho, “mostrando que em Caldas das Taipas também se fazem negócios, que as pessoas querem viver aqui”, os responsáveis acreditam terem também contribuído para um maior dinamismo e crescimento da vila.

As parcerias, que se reforçaram ao longo do tempo e as novas que surgiram, com promotores imobiliários, entidades bancárias e outras, explicam parte do sucesso alcançado pela AS Imobiliária Taipas. A outra parte é explicada pelo “muito trabalho, pela dedicação dos consultores que se juntaram à equipa”, assimilando os princípios que norteiam a atividade na agência, que são, “sobretudo, a honestidade e a transparência”, explica Pedro Coelho.



“Estamos ligados, desde a abertura, a alguns dos mais fortes players do mercado. Felizmente, temos alargado o leque de promotores que trabalham connosco em exclusivo, e que confiam em nós para mediar e para promover os seus negócios, tanto aqui em Caldas das Taipas como em todo o concelho de Guimarães”, reforça Hugo Mendes.

A atividade da AS Imobiliária Taipas tem rompido com as fronteiras do concelho de Guimarães, alargando a sua área de influência até à cidade do Porto, “fruto do excelente trabalho de consultores que fomos recrutando e que nos ajudam diariamente”.

Quanto ao recrutamento, a AS Imobiliária tem sempre as portas abertas à entrada de novos consultores que tenham o “perfil adequado e respeitem os princípios da empresa”, isto sem recorrer a uma política de prospeção “agressiva e massiva”, comum no mercado. “Tentamos selecionar e ter connosco os melhores, aqueles que nos dão garantias de que vão prestar o mesmo serviço”.

Atualmente, a equipa da AS Imobiliária Taipas é composta por 10 elementos, que conseguem “ser independentes e fazer da mediação imobiliária a sua vida. Somos um grupo de pessoas que têm uma amizade e um carinho muito especial e que se ajudam mutuamente, e isso ajuda à integração de novos elementos”.

Mas é importante, terminam os responsáveis, que as pessoas que procuram ter sucesso nesta área “saibam que este trabalho é muito mais do que comprar e vender casas”.



“O TRABALHO É O SEGREDO DO SUCESSO DA AS IMOBILIÁRIA TAIPAS. COM HONESTIDADE E TRANSPARÊNCIA, QUE SÃO CARACTERÍSTICAS QUE O MERCADO JÁ NOS RECONHECE”



EMPREENHIMENTO BEL'ARTES

A comemoração do quarto aniversário foi a oportunidade para a apresentação do novo empreendimento que terá a comercialização a cargo da AS Taipas.

A cinco minutos do centro de Guimarães, em Urgezes, está a nascer um fabuloso empreendimento em parceria com a Belmiro Bragança Construções, e com arquitetura da Plano Mais.

Estão disponíveis para venda apartamentos T1, T2 e T3.



AS Imobiliária Taipas

913 444 322*

*chamada para rede móvel.

taipas@asimobiliaria.pt

www.asimobiliaria.pt

Rua Comandante Carvalho Crato nº71

4805-104 Caldas das Taipas - Guimarães

COM SINAL MAIS NESTA EDIÇÃO

TODOS OS MESES
A MAIS GUIMARÃES LEVA ATÉ SI
O QUE DE MAIS IMPORTANTE
ACONTECE NA CIDADE BERÇO
E NO CONCELHO!



**DIA INTERNACIONAL
DO LIVRO INFANTIL**



**MARISA OLIVEIRA ENSINA
COMO USAR A VOZ**



**SANTIAGO MASCOTELOS COM VONTADE
DE CONTINUAR A CRESCER**



**JORGE PAIVA E ZANGÃO UMA HISTÓRIA
DE SUPERAÇÃO**



CURTIR CIÊNCIA



**VICTOR HUGO PONTES
EM ENTREVISTA**



RUBRICA: LUGARES



BATERIAS



**MECÂNICA
GERAL**



**MATERIAL
ELÉTRICO**



CHAPARIA



ACESSÓRIOS



**Rua Nossa Senhora da Ajuda
(EN105), 101, Moreira de Cónegos
4815-368 Guimarães**

Tlf: 253 521 315 *Chamada rede móvel.

info@casadasbaterias.com



WWW.CASADASBATERIAS.COM

EDITORIAL

DIRETOR DO GRUPO MAIS GUIMARÃES
ELISEU SAMPAIOA FELICIDADE QUE SE ENCONTRA NOS CAMINHOS
CRUZADOS

A seleção feminina de futebol conseguiu, em fevereiro, um apuramento histórico para o Campeonato do Mundo 2023, a disputar entre julho e agosto na Nova Zelândia e na Austrália.

Vanessa Marques, de Caldas das Taipas, tem sido uma presença assídua nas convocatórias da seleção e faz capa na edição deste mês da Mais Guimarães.

Num mundo demasiado masculino ainda, no relvado e fora dele, o trabalho que tem sido feito pelas atletas lusas, mas também pelos clubes e associações espalhados pelo país, merece o nosso destaque e também o nosso aplauso. Nesta área, como infelizmente em tantas outras, apesar de alguma evolução positiva, mas lenta, é necessário fazer caminho para que o mérito seja mais valorizado do que o sexo.

Continuam a surgir bons sinais, como aconteceu em Guimarães já neste mês de abril. Tendo passado por aqui a preparação para a fase final do campeonato do Mundo, e a nossa seleção defrontado no D. Afonso

Henriques as formações do Japão e País de Gales, aqui foram batidos recordes de assistência mesmo tratando-se de jogos de preparação.

A cidade-berço foi uma ótima anfitriã e, na soma dos dois encontros, mais de 20 mil aplaudiram as seleção lusa. Na bancada, homens e mulheres, jovens e menos jovens, vibraram com a seleção nacional. Para muitos, foi o primeiro encontro com esta [nova] realidade. E foi bonito!

Percorrendo outros palcos, nesta edição entrevistamos também Victor Hugo Pontes, um enorme coreógrafo vimaranense. Num universo maioritariamente feminino, Victor reflete sobre “essa ideia muito pré concebida do que é que é para rapaz e o que é que é para menina, que cada vez mais faz menos sentido, seja no vestuário, seja nas profissões, seja nos desportos”.

Valha-nos os que têm a coragem de enfrentar estigmas, abrir caminhos e procurar, em liberdade, serem felizes, o propósito maior.

Mais Guimarães – A Revista é um órgão de comunicação independente e plural ao serviço de Guimarães e de todos os Vimaraneses.

Estas são as linhas que a definem:

01 A Revista “Mais Guimarães” é um órgão de comunicação regional, gratuito, generalista, independente e pluralista, que privilegia as questões ligadas ao concelho de Guimarães.

02 A Revista “Mais Guimarães”, é uma publicação independente, sem qualquer dependência de natureza política, económica ou ideológica.

03 A Revista “Mais Guimarães” é um órgão de informação que recusa o sensacionalismo

e é orientado por critérios de rigor, isenção e honestidade no tratamento das notícias.

04 A Revista “Mais Guimarães” compromete-se a respeitar os direitos e deveres previstos na Constituição da República Portuguesa, na Lei de Imprensa e no Código Deontológico dos Jornalistas.

05 A Revista “Mais Guimarães” aposta numa informação diversificada de âmbito local, abrangendo os mais variados campos de atividade e pretende corresponder às motivações e interesses de um público plural que se quer o mais envolvido possível no projeto editorial.

06 A Revista “Mais Guimarães” distingue claramente as notícias – que deverão ser objetivas,

circunscrevendo-se à narração, à relação e à análise dos factos para cujo apuramento devem ser ouvidas as diversas partes – e as opiniões, ou crónicas, que deverão ser assinadas por quem as defende, claramente identificáveis.

07 A Revista “Mais Guimarães” compromete-se a respeitar a privacidade dos cidadãos, recusando a divulgação de factos da vida pessoal e familiar.

08 A Revista “Mais Guimarães” considera a sua atividade como um serviço de interesse público, com respeito total pelos seus leitores, em prol do desenvolvimento da identidade e da cultura local e regional, da promoção do progresso económico, social e cultural.

FICHA TÉCNICA

Mais Guimarães A Revista da Cidade Berço

Publicação Periódica Regional, Mensal

Tiragem

5.000 Exemplares

Proprietário

Eliseu Sampaio Publicidade, Unipessoal Lda.

NIPC 509 699 138**Sede e Sede da Redação** Av. de São Gonçalo, n.º

319, 1.º Piso, Sala C, Oliveira, São Paio e São Sebastião

4810-525 Guimarães

Telefone 253 537 250 [Chamada para a rede fixa

nacional, de acordo com o seu tarifário]

Email administracao@maisguimaraes.pt**Diretor e Editor**

Eliseu de Jesus Neto Sampaio

Travessa Monte da Carreira N.º 490

4805-284 Ponte Guimarães

Registado na Entidade Reguladora Para

a Comunicação Social, sob o n.º. 126 352

ISSN 2182/9276 **Depósito Legal** n.º. 358 810/13**Administração:** Eliseu de Jesus Neto Sampaio, detentor de 100% do capital da empresa.**Jornalistas**

Joana Meneses, Juliana Machado e Vítor J. Oliveira

Design Gráfico e Paginação

Cláudia Crespo e Juliana Machado

Impressão e Acabamento

Gráfica Nascente, Artes Gráficas Lda.

Travessa Comendador Aberto M. Sousa

Lote 15, Zona Industrial - Vila Nova de Sande

4805-668 Guimarães

Fotografia de Capa

Cláudia Crespo

COMO PUBLICITAR

Contacte-nos e conheça as nossas campanhas de publicidade.

Telemóvel 917 953 912

[Chamada para a rede móvel nacional, de acordo com o seu tarifário]

Email geral@maisguimaraes.pt

www.maisguimaraes.pt

Av. S. Gonçalo 319, 1º Piso, Salas C
4810-525 Guimarães

f / MAISGUIMARAES

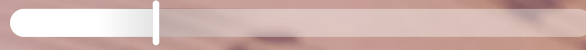


Now Playing

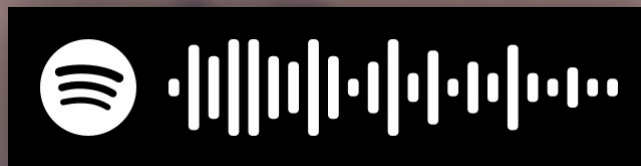


ENTRE MURALHAS #20

PLAYLIST



PLAYLIST
PLAYLIST
PLAYLIST
PLAYLIST



1. Abre o Spotify
2. Faz o scan do Spotify code
3. Recorda os hits da tua vida

@MAISGUIMARAES

PLAY
PLAY
PLAY
PLAY



TABERNA D'AVÓ: NA CIDADE BERÇO RENASCEM OS SABORES DE ANTIGAMENTE

TEXTO E FOTOGRAFIAS: ELISEU SAMPAIO

Entrar na Taberna d'Avó leva-nos numa viagem à infância. Se, em bom rigor, já não vemos as panelas pretas ao lume, nem os chouriços pendurados ao fumo, somos levados ao passado pelo sabor e pelo cheiro das coisas que nos chegam à mesa.

Carinhosamente conhecido por chefe “Badanas” – o nosso guia -, o homem da cozinha absorveu e quer preservar naquela taberna as receitas de sempre, e partilhá-las com quem chega. Entrou nesta aventura com Ricardo Silva e assumiu a responsabilidade da cozinha.

A Taberna d'Avó nasceu em 2020. Nos primeiros tempos, e devido à pandemia, os clientes foram chegando devagarinho, um depois do outro, num passa a palavra que se manteve e que faz agora da taberna um local onde é já necessário fazer marcação para jantar ou almoçar, sobretudo ao fim de semana.

São vimaranenses e também turistas os que se sentam nas pipas cortadas e que agora servem de pouso para degustações e momentos de confraternização e alegria. O ambiente é, naturalmente, descontraído.

Pelas paredes, objetos e imagens do passado combinam com o que vamos pedir para apreciar.

Muitos ficam pelos petiscos, como nos conta o chefe Badanas, que são vários e naturalmente saborosos. Há rojões, punheta de bacalhau, bolinhos de bacalhau, pataniscas, moelas, costelinhas em vinho tinto ou chouriça assada, produzida e preparada pelo homem da casa – uma delícia -.

Claro que para acompanhar já pedimos o vinho da casa, que, como ali nos dizem, “tem que ser bom, como em qualquer taberna que se preze”. No entanto, temos outras opções, com uma carta bem preenchida de néctares das diferentes regiões vinícolas portuguesas.



A ementa vai depender sempre do cliente. Antes de visitar a taberna, tente perceber do que tem saudades, pode ser que encontre por lá na hora, ou que até o preparem por sugestão ou encomenda.

Mas a lista é longa nesta viagem pelos sabores e tradições gastronómicas, dos segredos culinários minuciosamente guardados de geração em geração.

Um dos melhores exemplos, e que tem levado muitos à Taberna d'Avó, é o arroz de tomate, que é sempre feito na hora para cada cliente e é garantia de uma experiência maravilhosa. A acompanhar podemos pedir vários petiscos como um saboroso naco de carne, umas pataniscas, panados ou sardinhas pequenas, quando as houver. Parecendo simples, é realmente uma delícia.

Da ementa, larga mas ainda com margem para crescer, entre as muitas possibilidades temos um naco de carne com batata a muro, os rojões, o cozido à portuguesa, a vitela ou cabrito assado, o bacalhau com broa, o tradicional polvo à lagareiro com puré de batata doce, uns filetes ou medalhões de pescada com crosta de broa e esmagada de batata e grelos, uma costelinha assada, o robalo assado no forno, arroz de pato ou filetes de polvo.

Mas pode experimentar mais, como as papas de sarrabulho, o bacalhau recheado, o frango da Guia, uns bifeinhos com champignon, lombo grelhado de boi, caldeirada de peixe, bacalhau à brás, chanfana de cabrito, massa à lavrador, fígado com cebolada, ou coelho à caçador.

Evidentemente, não estão sempre disponíveis todos estes pratos, mas, como escrevemos antes, só tem de sugerir ou encomendar, que o chefe Badanas trata do resto.



E por falar em resto, e embora possa estar já satisfeito, não deverá sair do espaço sem o seu doce e experimentar as sobremesas como o leite creme, de comer e chorar por mais, o bolo de bolacha, a mousse de chocolate ou mousse de oreo, o cheesecake de frutos vermelhos, o bolo de noz, um pudim abade de Priscos ou as rabinadas que estão disponíveis durante todo o ano.

Se ainda não conhece, fica a sugestão de visita à Taberna d'Avó, um local onde poderá realizar tranquilamente uma viagem aos sabores do passado, em família, ou com um grupo de amigos.

A Taberna d'Avó é um espaço para apreciadores da gastronomia típica portuguesa.

CHEFE "BADANAS"

Com 61 anos, e com uma experiência de aproximadamente duas décadas na cozinha, o vimaranense quer fazer renascer os sabores de antigamente na Taberna d'Avó e transformá-la num ponto de encontro de saberes e sabores.

Ausente durante alguns anos, e depois de ter estado envolvido em projetos de formação na área destinados a pessoas mais vulneráveis, o chefe está de regresso e promete surpreender.



Taberna d'Avó

Rua Egas Moniz, 109
Centro Histórico de Guimarães
Faça a sua reserva ou encomenda através do 935 426 176*
*Chamada para rede móvel nacional





TODA A GENTE CANTA, NEM QUE SEJA NO CHUVEIRO

TEXTO: JOANA MENESES • FOTOGRAFIAS: CLÁUDIA CRESPO E JOANA MENESES

Marisa Oliveira começou a cantar na Academia de Música Valentim Moreira de Sá, atual Conservatório de Guimarães, onde agora dá aulas. Os seus dias nunca são iguais, cheios de projetos, ideias, coros, músicas e (en)cantos. São dias até um "bocadinho frenéticos", mas o gosto por ensinar e atuar andam sempre de braço dado.

No outro dia, quando me atendeste o telemóvel, perguntei se estavas a dormir, por causa da voz. Respondeste que ainda não tinhas falado com ninguém. Estamos quase a celebrar o dia da voz, a 16 de abril. Perguntava-te precisamente que cuidados é que devemos ter com a voz.

Olha, não falar muito alto, não beber bebidas alcoólicas, ou bebidas muito frias. Temos que ter algum cuidado com a forma como falamos, no meu caso, como canto também. E, sim, acordar mais cedo quando temos que cantar a seguir ou falar com alguém, porque se não a voz não vai funcionar - ou o corpo também não vai funcionar, porque a voz é muito o corpo, é muito a utilização do corpo e não só das nossas cordas vocais -.

Trabalhas diariamente com a voz, mas a verdade é que é um instrumento que todos nós usamos. Há alguma maneira ou como é que é possível descobrir um bom cantor?

Cantando, experimentando. Eu costumo dizer que toda a gente canta. Nem que seja no chuveiro, toda a gente canta. E não tem que haver tabu se cantamos bem ou se cantamos mal, cada um tem a sua própria voz, e saberá utilizá-la da melhor forma. Mas sim, todos nós utilizamos a nossa voz e todos nós devíamos saber como utilizar a voz de forma saudável, especialmente pessoas que trabalhem com ela diariamente, que sejam comunicadoras, que sejam professores... Costumo dizer que os professores deviam todos ter um coro na escola e todos ter técnica vocal até muito tarde para evitar problemas.

Há alguma coisa que possamos fazer, por exemplo, todos os dias, quando acordamos?

Fazer alguns aquecimentos naturais, aquecer o corpo, espreguiçar-nos, aprender a utilizar a respiração diafragmática. Porque é importante mesmo que não seja para cantar, perceber que quando



Fazias as festas de Natal em casa?

Sim, era a menina da família [risos].

Estudaste na Escola Superior de Música de Lisboa e na Hungria, no Kodály Institute of Liszt Ferenc Zeneművészeti Egyetem. Porquê esse caminho?

Na altura, queria a área da formação musical, porque era a área com a qual me sentia mais confortável, e a área do coro porque eram disciplinas que eu me sentia peixinho dentro de água. Cantar, para mim, era especial, era onde eu me sentia mesmo na minha praia. Decidi fazer o concurso a três escolas: Aveiro, Castelo Branco e Lisboa, apesar de o percurso natural dizer-me para ir para Lisboa. Tive a sorte de conseguir entrar, de ser uma das selecionadas para frequentar o curso e depois, lá, tudo se desenrolou. Estando na capital também temos outras propostas. A escola tinha um bom relacionamento com Hungria, conseguimos ir de Erasmus, depois consegui uma bolsa para voltar lá quando concluí os meus estudos para trabalhar canto. Foi muito especial, mas o percurso foi todo muito natural. Claro, com muito trabalho, mas sempre muito orgânico a partir do momento em que entrei na Universidade de Lisboa.

É muito diferente o ensino na Hungria e o ensino em Portugal?

Muito. Usam sistemas diferentes. No caso específico do que eu fui estudar, era uma pedagogia ativa de ensino desde a creche até ao 12.º. Eles usam um sistema diferente de ensino, uma abordagem diferente, também. Há ferramentas que são muito mais orgânicas que nós pudemos catapultar para aqui, mas cada vez mais se vê pessoas aqui a trabalhar com aquele método e foi uma forma de complementar aquilo que que aprendemos.

Presumo, porque é uma área muito prática, que tiveste de fazer provas para entrar na universidade. Quais são?

Especificamente na Escola Superior temos as provas específicas. Todas as escolas ou todos os cursos da área da música em escolas superiores de música têm provas de acesso, provas específicas para determinada área, provas de relacionadas com a área. Se for um clarinetista vai ter a prova de clarinete, depois tem umas provas teóricas. No meu caso, tínhamos as provas de formação musical, que consistiam numa prova escrita, numa prova oral, ou seja, uma prova de leitura, entoação de uma canção, tínhamos praticoteclado,

esforçamos alguma coisa não está bem ou quando estamos constantemente roucos, porque temos uma exposição e de repente falamos demasiado e ficamos roucos, qualquer coisa não está bem.

No caso da rouquidão, muitas vezes até pode ser ansiedade ou nervosismo...

Pode. A perda de voz pode estar associada à ansiedade, nervosismo, porque os nossos músculos bloqueiam e a nossa voz pode bloquear também.

Falando um bocadinho de ti... Começaste na Academia de Música Valentim Moreira de Sá, atual Conservatório de Guimarães. Dares aulas agora no Conservatório é especial?

É, claro. É voltar às raízes. Fui aluna desde os seis até ao 12.º. Apesar de não ter feito o ensino articulado e não ter feito o ensino especializado no meu secundário - estive em ciências -, a decisão de ir para música acabou por acontecer. Quando regressei dos estudos, estive fora, foi muito especial voltar às raízes, sim.

Tinhas seis anos quando entraste. Por que razão entraste?

A minha mãe [risos]. Alguém lhe disse que era muito bom para os filhos irem para a música e a minha mãe disse "então vamos pô-los na música". Começaram os meus irmãos e eu sou a mais nova, entrei depois.

Foi aí que descobriste o bichinho?

Sim, mas eu acho que sempre fui um bocado artista desde pequenina. Descobrimos lá um vídeo, com dois anos...



tivemos que dirigir um coro, também... Tínhamos uma série de provas que dava uma seleção e essa era a que dava mais valor, porque era a prova específica do curso. Depois tivemos as provas teóricas, que eram História.

Na Hungria, foi uma vertente mais educacional, digamos assim. Já sabias que gostavas dessa parte da educação ou acabaste por descobrir?

Eu acho que se vai descobrindo, mas eu sempre gostei da área... Lá está, é tudo muito orgânico. Eu acho que quando nós não nos sentimos bem numa determinada função, não dá. Nesta área, não dá, porque lidamos com pessoas e se nós não estamos organicamente bem com elas, não vai resultar. Eu tive a experiência de trabalhar com lares, por exemplo, e achei que não tinha a competência suficiente para trabalhar com aquele público, porque é um público muito específico, muito delicado e tem que se ter formação específica para aquela área. Com os pequeninos, já tenho uma orgânica diferente, com os adolescentes tenho outra orgânica... Temos que nos adaptar às diferentes situações...

Além de professora no Conservatório, trabalhas com a Outra Voz, com o Coro En'Canto, fazes parte dos projetos Bjazz e TetrAcord'Ensemble. Faltam-me, certamente, algumas coisas aqui. Quem é a Marisa Oliveira?

A Marisa, atualmente, está assim virada para várias vertentes, mas tudo na área do trabalho com pessoas. Estou também no Círculo de Arte e Recreio, onde sou atualmente professora de canto e tenho agora um novo projeto lá, o ensemble vocal feminino. Estou no Conservatório, onde sou professora de coro e formação musical, e também desenvolvo outro tipo de projetos muito ligados à criação com os miúdos. Estou a coordenar, juntamente com outro colega, o projeto Cantânia - estou responsável pela gestão do primeiro ciclo no projeto relacionado com crianças com voz, com cantar, com envolvimento em espetáculos... Depois tenho os mais específicos que são a Outra Voz, em que sou ensaiadora, o coro En'Canto, que fui eu que criei de raiz com um estímulo do Conservatório e sou maestra. E o TetrAcord'Ensemble, que é o projeto, como cantora, com mais nome ou com mais relevância na minha vida, sim.

E acreditas que a teoria é tão importante como a prática e que faz falta?

Eu acho que andam os dois de braço dado. Têm que andar as duas de braço dado. Acho que as bases são essenciais e sem uma coisa não há outra. A teoria é muito boa, mas se não houver a prática... Eu gosto muito de ser professora e adoro ser professora, mas eu sinto que sou melhor professora se tiver a minha a minha parte artística. Sinto que tenho que estar ativa como cantora, como professora, como maestra, para poder incentivar os meus alunos. Eles têm que me ver em tempo real, em ação, para perceberem aquilo que estou a ensinar.

E com tanta coisa, como é que é o teu dia a dia? Nunca igual, presumo.

Não há rotina. É um bocadinho frenético. Quem está nesta área tem uma vida um bocadinho frenética. Às vezes, é um bocadinho extenuante, mas queremos sempre mais. Nós dizemos: "para o ano vai ser melhor", mas não vai. Vai ser sempre uma construção.

E dessas coisas todas há alguma que gostas mais?

Foi o que eu disse, estão de braços dados. Não conseguiria fazer uma se não estivesse a fazer a outra, se calhar. Mas eu gosto muito do desenvolvimento de projetos. Gosto de dar aulas mas não no sentido de estar numa sala de aula e tem que se estar ali. Gosto de estar ali, mas a criar com eles, a desenvolver alguma coisa, a desenvolver um projeto, a pensar na disciplina como algo artístico e não como algo dentro da sala de aula. O ensino da música está a ter uma volta, está a crescer e, às vezes, perdemos essa vertente artística. E não podemos. Temos que alimentar.

E a criatividade é algo que também se treina?

Isso é uma questão muito particular - porque é o tema da minha tese, por acaso, do meu mestrado -. Acho que a criatividade é algo que se vai experienciando, e que se vai tirando o medo. Desconstruir a ideia de que existem barreiras e que nós temos que seguir aqueles padrões. Podem haver, podem não haver, no processo criativo,





Eu normalmente não digo que não [risos]. Um exemplo disso foi a Outra Voz. Cheguei e o João Guimarães disse-me: "olha, tenho um projeto fixe para ti. A Outra Voz está a precisar de um ensaiador". Eu não fazia ideia, não tinha qualquer background. Sabia que existia, mas eu tinha acabado de chegar a Guimarães, não tinha estado cá na capital, estava na Hungria... Tinha algumas referências, mas não sabia muito bem o que era. E foi das melhores experiências que eu tenho tido nos últimos anos. Aliás, o criar e a vontade de criar, veio muito da Outra Voz. Dei muito, mas eles também me deram muito.

Para terminar, perguntava-te que mensagem de encorajamento, se é que lhe podemos chamar assim, é que gostavas de deixar às pessoas que só cantam no banho.

Venham para o coro, claramente. Existem imensos coros em Guimarães. Se gostam de cantar, cada um tem a sua voz, não há estigma. Costumam chegar ao coro e dizer: "não canto". Eu digo "ainda bem, é por isso que aqui estamos". Se fôssemos todos profissionais, tínhamos de estar todos a receber bem. Venham cantar, percam o medo e venham cantar.



mas não há erro. Se não há certo nem errado, vamos experimentar. O que é certo para mim pode não ser para ti. E está tudo bem.

E estilos musicais? O jazz é a tua praia?

Gosto muito. E gosto muito do ligeiro também. Apesar de ter tido formação clássica, acho que me identifico mais e acho que vocalmente também me identifico mais no jazz, no ligeiro... Se bem que tenho um fascínio pelo clássico e continuo a cantar e continua a fazer, e não significa que deixe de lado. Mas acho que cada um tem o seu percurso, a sua orgânica.

Descreveram-te como alguém que "não consegue estar quieta, sempre com ideias e projetos". De que projetos é que tens mais orgulho?

Costumo dizer que o meu bebé é o coro En'Canto. Fundou-se comigo, não é? Eram 12, no início, e não sabíamos muito bem o que é que ia acontecer e, passados seis anos, somos 40. Já tem uma significância diferente e tenho muito orgulho no projeto que desenvolvemos todos. E o TetrAcord'Ensemble, claro.

E que ideias é que estão aí a ferver na tua cabeça para o futuro?

Estou sempre a construir e, às vezes, sai-me, assim, uma ideia do nada. Mas há alguns projetos que estão a começar a aparecer, noutras variantes mais de planeamento e de pensar... Não sei até que ponto é que também não gosto dessa vertente. Estou a explorar outras vertentes que não sejam só a performance.

O que é que é mais importante num projeto para ter a garantia que te tem?

PUB

**Obrigado
pela confiança.**

é bom viver assim



**Conheça a solução ideal
para o seu condomínio:**

LDC GUIMARÃES
Av. D. João IV, C.C. Villa, Loja 27
4810-532 Guimarães

T: 253 408 020
(Chamada para a rede fixa nacional)

E: guimaraes@ldc.pt

www.ldc.pt

CIDADE

© CLÁUDIA CRESPO / MAIS GUIMARÃES

Foi colocado um laço azul na fachada da Câmara Municipal com o objetivo de sensibilizar a população para a prevenção e sinalização de situações de maus tratos às crianças. “Serei o que me deres... que seja AMOR” deu, uma vez mais, o mote para a iniciativa na qual estiveram presentes alunos da escola da Oliveira, jovens do lar de Santa Estefânia, do patronato da Oliveira, e do centro de formação da Cercigui.

As crianças e jovens vimaranenses presentes disseram ser felizes e esta campanha tem mesmo essa finalidade: crianças felizes. “Queremos alertar a população para que não haja maus tratos nas crianças”, destacou Henriqueta, secretária da CPCJ. Domingos Bragança alertou para o facto de esta ser “uma responsabilidade de todos”. “Tudo faremos para que as nossas crianças sejam felizes”, garantiu dizendo ainda que está ciente de que “tem que haver envolvimento de toda a comunidade, tem que haver instituições fortes, bem capacitadas, com profissionais competentes e com forte sentido social e de generosidade. E as instituições têm que envolver a comunidade dentro da própria instituição”. A melhor forma de celebrarmos este mês de abril, acredita, é os adultos serem “mais capazes, melhores, mais prevenidos e mais atentos”.

A Campanha do Laço Azul (Blue Ribbon) iniciou-se em 1989 nos E.U.A. quando uma avó, Bonnie W. Finney, amarrou uma fita azul à antena do seu carro.





© JOANA MESESES / MAIS GUIMARÃES

NOVO RECORDE NO D. AFONSO HENRIQUES

A Seleção Feminina A defrontou o País de Gales, num particular que fixou uma nova assistência recorde para a equipa, com o estádio D. Afonso Henriques a contar 11.055 adeptos. O anterior máximo era de 9.758 espectadores e já havia sido estabelecido no mesmo palco, a 7 de abril, noutra jogo de preparação para o Mundial, diante do Japão. Com estes números, Guimarães colocou o seu nome no topo das assistências em jogos da Seleção Feminina A, conseguindo alcançar dois recordes em dois jogos disputados num curto intervalo temporal, depois de ter atingido o máximo de 5.595 adeptos, que agora passa a ocupar o terceiro degrau no pódio dos melhores registos.

170 CABAZES DE PÁSCOA ENTREGUES

O Lions Clube e o Rotary Club de Guimarães promoveram uma iniciativa conjunta de recolha de bens alimentares de forma a constituir um cabaz alimentar a disponibilizar a famílias socialmente vulneráveis do concelho de Guimarães, devidamente sinalizadas pelas entidades cometentes. O objetivo inicialmente estabelecido foi o de recolher alimentos para distribuir a 150 famílias. “Felizmente, e em resultado da contribuição de empresas, entidades e dos vimaranenses”, chegaram a 170 famílias.

O Lions e o Rotary quiseram, assim, dar um exemplo de que “a partilha e a cooperação entre instituições permite que possamos chegar mais longe no serviço disponibilizado à comunidade onde estamos inseridos”.



© DIREITOS RESERVADOS



© DIREITOS RESERVADOS

VÍTOR PINTO DA CRUZ LANÇA LIVRO

O vimaranense Vítor Pinto da Cruz lançou o livro “A Decisão de Deixar de Fumar”. Neste livro, com a chancela Ideia-Fixa [Alêtheia Editores], o autor apresenta uma estratégia que considera “fácil e efetiva” para quem deseja deixar de fumar. O ministro da Saúde, Manuel Pizarro, presente na apresentação referiu a importância “de se abandonar hábitos prejudiciais à nossa saúde”, salientando que “fumar é também um hábito cultural e que nesse sentido devemos combater o tabaco e não os fumadores”. Segundo dados da DGS, em 2019, mais de 13 mil pessoas morreram em Portugal devido a doenças atribuíveis ao tabaco.

CONCEIÇÃO SOUSA: “O MEU FILHO MAIS VELHO FOI O MEU PRINCIPAL INCENTIVADOR”

FOTOGRAFIAS: CLÁUDIA CRESPO • ENTREVISTA: JULIANA MACHADO



Romances, poesia e contos infanto-juvenis fazem parte do leque de obras de Conceição Sousa. Atualmente com 12 livros publicados, a escritora vimeirense esteve à conversa com a Mais Guimarães no âmbito do Dia Internacional do Livro Infantil, para contar como é que partiu “Em Busca da Flor de Mil Cores”. Esta saga resultou em três publicações: “Bugalhudo e Caracolitas no Bocejo do Vulcão”, em 2013, “Bugalhudo e Caracolitas na Armadilha do Céu” e “Bugalhudo e Caracolitas no Lago das Letras Flutuantes”, ambos em 2014.

Fazendo uso da sua experiência pedagógica - profissão que exerce desde 1996 -, apostou na interatividade como forma de envolver os seus jovens leitores.

Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Ingleses e Alemães, ramo Educacional, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Desde então, tem exercido funções como professora. A literatura e o contacto com os jovens sempre a cativaram desde cedo?

Sim, desde muito, muito novinha. Embora os meus pais só tenham a quarta classe - porque naquela altura não puderam prosseguir estudos -, o meu pai tinha um especial gosto pela literatura e então encomendava coleções, como por exemplo do reader's digest, e também discos. Tenho memórias de, com quatro ou cinco anos, folhear aquelas coleções, e de ter muita curiosidade, que eu acho que é onde começa tudo. Tinha muita curiosidade em perceber o que eram aqueles símbolos a que as pessoas chamam letras. E então olhava para as imagens e inventava as minhas próprias histórias à volta daquelas imagens e o que poderia estar ali escrito. A verdade é que eu tinha sede de conhecimento.

Quando entrei na escola primária foram três meses até aprender a ler porque já levava algumas bases criadas por mim e pelos meus pais. Foi assim que começou... na escola primária, depois a escrever cartas aos amigos, a criar romances, no segundo ciclo, entre as amigas da turma.

Na altura ainda não havia internet ou telemóveis, então tínhamos de nos distrair com outras coisas. Entretanto, os meus pais mudaram-se também para o Porto e comecei a escrever longas cartas às minhas amigas daqui e, claro, ia tendo diários. A escrita sem-

pre esteve muito presente na minha vida.

Toda essa “fome de conhecimento” e vício pela literatura resultou na publicação de 12 livros, entre eles três de literatura infanto-juvenil... Como é que esta vertente entra na sua vida?

Foi precisamente por uma questão pessoal, pelos meus filhos, que tinham oito ou nove anos, na altura. Eu senti uma certa culpa de estar a começar a publicar as minhas coisas, porque, na verdade, eu já tinha muito trabalho feito, só que, por questão de personalidade, a timidez não deixava que o mostrasse. Houve ali uma altura, que coincidiu com o surgimento do Facebook, que achei que esta podia ser uma boa montra. E arranjei coragem para começar a mostrar os meus trabalhos.

Achei que também estava a tirar algum tempo aos meus filhos por causa dessa área, embora o meu filho mais velho tenha sido o meu principal incentivador. Inicialmente eu só iria publicar um primeiro romance para a família, mas, quando me dirigi à gráfica com ele, perguntou-me porque não o publicava para outras pessoas também. Disse-me que se era um sonho meu devia persegui-lo. “Mãe, porque não fazes 300 exemplares em vez de 30, e começas a mostrar a tua escrita aos outros?”, disse-me.

Para mim, foram palavras muito boas porque eu entendia que estava a roubar tempo à família com este tempo que dedicava a mim e aos meus sonhos. Significou que também os meus filhos me queriam ver a ser eu própria e que era eu, talvez como muitas mulheres em Portugal, que me estava a colocar limitações. Como publiquei inicialmente cinco livros de poesia e um romance, entendi que já estava a tirar muito tempo à família e houve um sentimentozinho de culpa. Como eles estavam muito curiosos, decidi começar uma coisa mais familiar e foi assim que surgiu a literatura infantil, como forma de chamar os meus filhos para fazerem parte do meu sonho. A partir deles surgiu a ideia de alargar as obras a outros meninos e meninas, uma vez que são livros muito interativos.

Porque é que decidiu integrar esta parte tão interativa nos seus livros?

Tem a ver mais com a minha área pedagógica de professora. Eu

sabia que se não envolvesse o leitor, ele desistia e não prosseguia a leitura. E também queria muito incentivar as crianças e os adolescentes a gostarem desta arte da literatura, nem que fosse só pelas ideias. Isto é, mesmo que um pai ou uma mãe leiam as histórias a crianças que não sabem ler, não é impeditivo porque podem responder às ideias que a autora vai pedindo. E eles ficam muito contentes quando o encarregado de educação transmite para mim essas ideias.

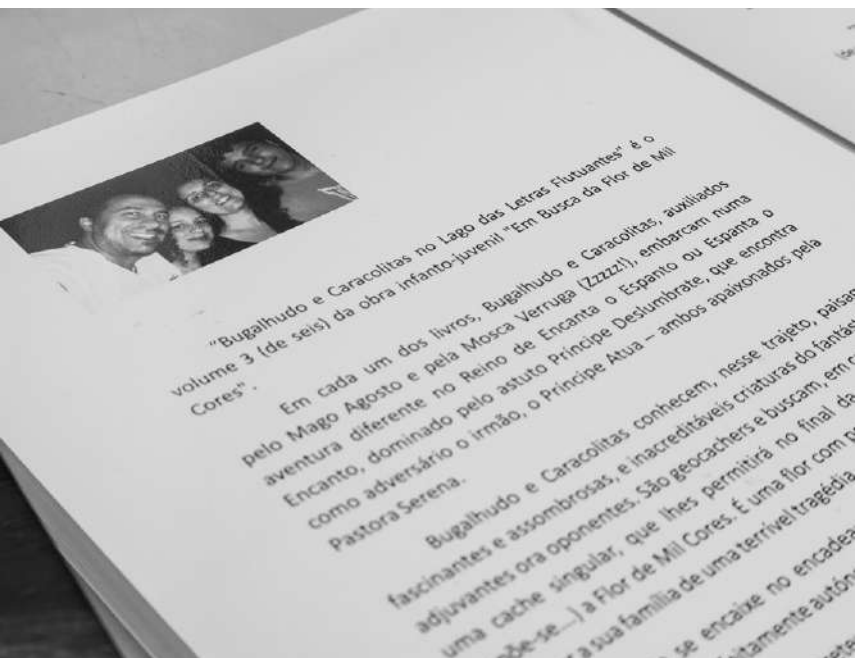
Acaba por ajudar a própria família a saber orientar a própria criança em termos didáticos e a criança sente que está a participar em algo maior e quem sabe dali não saem escritores no futuro.

Como é que descreve estes três livros “Em busca da flor de mil cores”?

O primeiro livro saiu pela altura da Troika. Enquanto professora notava que estava a haver muita ausência nas famílias. As crianças sentiam que não lhes era dada muita atenção e os pais, na verdade, também não podiam. Muitos estavam emigrados, outros tinham dois ou três trabalhos, e alguns até estavam mais deprimidos. Nesse sentido, decidi criar uma história que tivesse um narrador, que eles é que têm de adivinhar quem é, como se fosse alguém presente, como se estivesse ali para escutar as suas dúvidas, os seus problemas e que pudesse até sugerir alguns caminhos. São livros que abordam temas como bullying, anorexia, bulimia, os perigos da Internet, a transição de criança para adolescente e as mudanças no corpo.

Os assuntos típicos da adolescência são o foco nestes três livros, mas sempre no sentido de ir questionando, de forma a que quem esteja do outro lado possa refletir e até intervir. Nestes livros, o pai das personagens faleceu e a mãe está ausente por via de uma doença do foro oncológico, o que faz com que não tenham a devida atenção. Esta flor de mil cores irá colmatar estas dores, quer sejam físicas ou emocionais. São livros de geocaching, ou seja, vão sendo encontradas caixas com enigmas. Quer na literatura para crianças, quer para adultos - se bem que estes livros têm simbolismo e um adulto consegue interpretá-los de outra forma -, tento que as pessoas façam uma reflexão sobre a sua vida.

Sou uma escritora que tem muito de filosofia e de psicologia, que são as minhas bases, e estes são livros que também se podem inserir na autoajuda, mas de uma forma mais rebuscada.



Que mensagem gostaria de deixar àqueles jovens que ainda não despertaram a paixão pela leitura?

Que comecem! É uma decisão que começa com o ato de entrarem numa livraria, olharem para as capas dos livros, para os livros, e abrirem alguns que lhes desperte o interesse. E mesmo que sintam aquela primeira resistência, permitirem-se a ler o primeiro parágrafo e perceber se a história os cativa. Mesmo não indo a uma livraria, também a partir do mundo virtual conseguem fazer isso com muita facilidade. Nas livrarias online têm tudo muito bem estruturado, normalmente até colocam logo o primeiro capítulo disponível. A literatura é a experiência de pessoas que podem ainda estar vivas ou podem até já ter falecido. E nas diversas áreas, seja literatura para entretenimento, literatura por criatividade ou literatura, por exemplo, pela engenharia ou pela medicina, é sempre uma forma de termos a experiência de alguém que já foi vivo e que deixou algo já feito com base na sua experiência. Costumo dizer que a literatura é como conversar com alguém mais velho, até porque o livro supera a mortalidade do ser humano, se não for destruído. Se há até regimes políticos que impedem as pessoas de ler e destroem os livros, por alguma coisa será. É uma sabedoria que faz com que nos sintamos um bocadinho mais avançados em qualquer área.

Parceria

PARA FAZER UMA ESCOLHA SUSTENTÁVEL, PROCURE O RÓTULO ECOLÓGICO EUROPEU!



A DECO continua a informar e alertar todos os consumidores para o que é Greenwashing, também conhecido como Ecobranqueamento, como funciona e como deve ser combatido. Escolher produtos e serviços com Rótulo Ecológico Europeu é o caminho mais seguro para a compra sustentável!

O Rótulo Ecológico Europeu (REUE) é um certificado da União Europeia que garante que o produto ou serviço tem um elevado desempenho ambiental, devido aos requisitos exigentes que os fabricantes têm de cumprir para obter aquele rótulo.

Este rótulo foi concebido para facilitar as opções de compra dos consumidores que pretendem escolhas mais verdes e sustentáveis.

Mais de 90.000 produtos e serviços, distribuídos em 24 categorias diferentes, exibem este rótulo. Podemos encontrar o REUE desde nas roupas de bebé a produtos de limpeza, a TV, tintas, champôs, pisos de madeira, papel para impressão até empreendimentos turísticos.

Qualquer empresa europeia pode colocar o REUE no seu produto ou serviço?

Não. Os produtos e serviços devem atender a uma lista rigorosa de critérios ambientais e de saúde, verificados por entidades competentes, para poder exibir o logotipo do REUE. A escolha dos consumidores é, pois, mais responsável, segura e consciente, contrariando as alegações ambientais falsas - Greenwashing - que a DECO tem denunciado.

Qual é a importância do REUE para os consumidores?



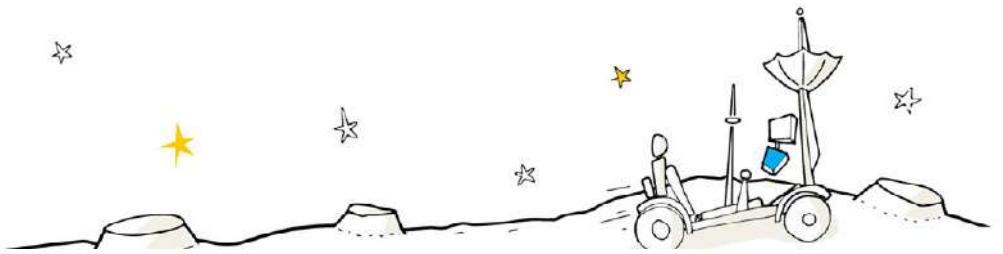
Atualmente, a União Europeia tem dados que comprovam que os consumidores estão cada vez mais preocupados com o impacto ambiental das suas escolhas de consumo e procuram formas para o reduzir ou minimizar. Mudar os nossos hábitos de consumo é muito importante face à crise climática que se vive! Prefira produtos e serviços com REUE e exija mais às empresas que querem ser sustentáveis.

Às empresas, a DECO exige: não se pintem de verde! Adiram ao Rótulo Ecológico e contem as coisas como elas são!

Não hesite em contactar a DECO - Delegação Regional do Minho, sita na Avenida Batalhão Caçadores 9, Viana do Castelo encontra-se disponível podendo contactar-nos através do 258 821 083 ou por e-mail para deco.minho@deco.pt. Visite o nosso site www.deco.pt

+ CIÊNCIA

CENTRO CIÊNCIA VIVA DE GUIMARÃES



Aproxima-se mais um aniversário do 25 de abril. E sem este marco fundador da nossa Democracia, após quase meio século de regime autoritário cerceador das liberdades, uma coisa seria certa: a investigação científica em Portugal não seria aquilo que é hoje.

Os valores que associamos à Democracia – liberdade, livre expressão, um Estado corretor de desigualdades, mas também impulsionador de conhecimento – são fundamentais para o trabalho científico. Nas últimas décadas, depois de consolidado um regime Democrático liberal, temos assistido a uma assinalável evolução no campo da Ciência: aumentou o número de investigadores e de centros de investigação, infraestruturas e equipamentos e, sobretudo, produção científica. Num estudo publicado em 2019, "A Evolução da Ciência em Portugal [1987-2016]", coordenado pelo biólogo Nuno Ferrand, do Centro de Investigação

em Biodiversidade e Recursos Genéticos, da Universidade do Porto, era focada esta realidade, sem deixar de escamotear que há ainda muito para fazer no que toca à vitalidade da investigação científica. Ao contrário do que às vezes somos levados a pensar, neste campo, Portugal não fica abaixo dos seus parceiros europeus. Faltará fazer com que aquilo que se produz em Ciência tenha maior impacto na comunidade científica e no público, ou seja, mais internacionalização. Mas neste capítulo, os últimos anos traduziram-se num aumento do número de artigos publicados pela comunidade científica, passando de algumas centenas no final dos anos 1980 para mais de 20 mil por ano na atualidade.

Daqui decorre que podemos concluir, como o coordenador do estudo, que "o sistema científico é uma das maiores conquistas da sociedade portuguesa no pós-25 de Abril".



ENGENHARIA E POESIA

Aparentemente são duas áreas inconciliáveis. Quem se dedica a áreas das ciências puras – como a Engenharia, a Matemática e outras – tem o seu foco nas fórmulas e operações puramente científicas que dificilmente os concebemos do outro lado. Da poesia, por exemplo. Mas não é sempre assim.

No passado dia 1 de abril, na Livraria Rimas e Tabuadas, tivemos um bom exemplo dessa união entre mundos aparentemente inconciliáveis. A sessão Leituras com Ciência contou com um protagonista que é um bom exemplo dessa conciliação entre o exato reino das fórmulas e equações e a poesia e um certo onirismo. Um "engenheiro" com um curriculum invejável também na área poética.

Luís Soares Barbosa é professor catedrático da Escola de Engenharia da UMinho, diretor do Departamento de Informática daquela Escola e investigador sénior no INESC-TEC. Desde 2017 é também diretor adjunto da Unidade Operacional em Governação Eletrónica da Universidade das Nações Unidas, ali no campus de Couros. No outro lado da sua vida, publicou poesia em "onde sopra o vento" (2004), "embora seja noite" (2007), "sobre fio de lume" (2008) e "longos dias breve o medo" (2022). Em 2016, a Câmara Municipal de Braga editou "e fico só e falo com as sombras", livro distinguido com o Prémio Literário Maria Ondina Braga.



RECORDE



Cientistas filmaram um peixe caracol a nadar a mais de 8.300 metros de profundidade, numa fossa oceânica no Japão. Nunca um peixe tinha sido encontrado e filmado a tão grande profundidade no mar. O recorde registado anteriormente era de 8.178 metros.

PLANTAS



Afinal, as plantas também choram quando estão em stress. Pelo menos segundo um estudo de cientistas da Universidade de Telavive. A investigação israelita mostra que plantas stressadas emitem sons que podem ser registados à distância e classificados.

AGENDA

GUIMARÃES ARTE E CULTURA

ABRIL E MAIO 2023

O ENVENENAMENTO DE CHRONOS

22 DE ABRIL

Museu Alberto Sampaio

O tempo que vivemos, fértil nesta sucessão de acontecimentos, hoje toldados por dúvida, verdade e materialidade, leva-nos a questionar o que nos aguarda. Estaremos a viver em função de um conjunto de acontecimentos que, à semelhança de Chronos, apenas refletem o nosso receio em sermos anulados ou esquecidos? E quando surgirá a revolta que nos permitirá libertar desta ideia de opressão e esquecimento? É curiosa a situação em que esta exposição coloca o artista que lhe dá matéria. Professor e pedagogo desde cedo, será ele alvo desta síndrome de Chronos? Ou, à semelhança da esmagadora maioria dos criadores, foi engolido por uma qualquer ordem estética e crítica que, envenenando o tempo, os anulou? Ou ainda, de um outro ponto de vista, estarão os artistas atuais remetidos a um tempo que tudo consome e descarta?

NO PEQUENO NINHO QUENTE

24 DE ABRIL

Paço dos Duques de Bragança

"No Pequeno Ninho Quente" é uma peça de teatro baseada na obra com o mesmo título, que Santos Simões escreveu e dedicou aos seus netos Joaquim e Pedro. Trata-se de um texto para crianças que adultos conscientes e críticos não desdenharão ver e ouvir representar. Um texto cheio de poesia, desde os dois pontos de vista reciprocamente complementares: material e formal, onde se aborda o nascimento de Afonso Henriques e por consequente o nascimento de um país.



ANIVERSÁRIO DA CASA DA MEMÓRIA DE GUIMARÃES

25 DE ABRIL

Casa da Memória

"Tu és Sete-Sóis porque vês às claras, e tu serás Sete-Luas porque vês às escuras...", assim José Saramago batizou as personagens principais do seu aclamado romance "Memorial do Convento". E são sete anos que festejamos desde a abertura da Casa da Memória de Guimarães: anos que condensam a luz de muitos sonhos concretizados, porque a Casa é um lugar onde paira a imaginação; e as sombras, porque é nelas que procuramos iluminar o caminho das memórias que se escondem. No 7.º Aniversário da Casa da Memória são as histórias que se vão aninhar no ouvido e os Robertos que vão espalhar desejos. A festa segue forte pelo entardecer, até não mais nos podermos "Levantar do Chão".

LUCAS LUCCO

28 DE ABRIL

Multiusos de Guimarães

Cantor e compositor mineiro, Lucas Lucco é considerado uma das grandes promessas do sertanejo com milhões de seguidores nas redes sociais e com seis álbuns lançados. Vários são os hits que, certamente, o público vai cantar neste que será o primeiro de dois concertos em solo português.

ORPHEU

29 DE ABRIL

Centro Cultural Vila Flor

Estabelecendo uma relação entre a obra literária mitológica de Ovídio, a dança e a composição sonora eletrónica, Pedro Ramos [direção artística], Miguel Castro Caldas [texto] e Paulo Maria Rodrigues [composição musical] partem do mito de Orpheu para a criação de uma peça operática. Num encontro de diversas personagens órficas reflete-se sobre a dicotomia entre o tangível e o intangível, o tempo presente e o ausente, o individual e o coletivo, explorando novas contraposições estéticas e linguagens corporais. Na sequência do legado identitário desenvolvido em "Metamorfoses" [2022], "Orpheu" testemunha mais um passo na pesquisa do património literário clássico na sua relação com a corporalidade da dança contemporânea.

"LIMBO"

29 DE ABRIL

São Mamede

O espetáculo a solo de stand-up comedy de Guilherme Duarte vai voltar a ser apresentado em Guimarães. Depois das datas de 2022 todas completamente esgotadas, algo que nunca pensou que fosse acontecer, apresentou uma nova ronda de espetáculos. "As dúvidas. As incertezas. As inseguranças. A vida é um constante limbo e a descida ao inferno é certa para qualquer humorista que brinque com temas sérios", lê-se na sinopse. Neste espetáculo, o terceiro a solo, o autor de "Por Falar Noutra Coisa" guia o espectador pelos vários níveis do inferno. "Será que terei redenção? Não sabemos, mas pelo menos fico com os bolsos mais cheios se comprarem bilhetes", escreve.

DO QUE UM HOMEM É CAPAZ

1 DE MAIO

Auditório do Grupo Cultural e Recreativo de Barco

"Do que um homem é capaz" é uma performance musical criada participativamente, com diferentes comunidades de Barco, a partir da reflexão e pensamento acerca do legado da obra de José Mário Branco, mas também do património imaterial desta freguesia e dos seus habitantes. O que nos faz felizes na relação com o lugar onde vivemos? O que nos traz angústias? Do que somos capazes quando nos juntamos, quando não estamos sozinhos? Estas e outras questões estarão nas vozes desta nova comunidade criada para este momento em particular.



D'ZRT

6 E 7 DE MAIO

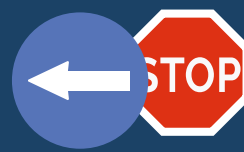
Multiusos de Guimarães

Passados 12 anos, Vintém, Edmundo e Cifrão regressam ao palco para um aguardado D'ZRT Encore, juntando a tribo e voltando uns tempos atrás. A banda que marcou uma geração e foi um dos maiores sucessos musicais dos anos 2000 em Portugal vai regressar a Guimarães.

PUB



GUIANTE





VANESSA MARQUES

“É UM GRANDE ORGULHO FAZER PARTE DESTA HISTÓRIA”

TEXTO: VÍTOR JORGE OLIVEIRA • FOTOGRAFIAS: CLÁUDIA CRESPO

A vimaranense Vanessa Marques, que no passado 12 de abril celebrou o seu 27.º aniversário, será uma das jogadoras que irá representar Guimarães e Portugal na histórica participação no Mundial que irá decorrer, entre 20 de julho e 20 de agosto, na Austrália e na Nova Zelândia.

Eleita pelo selecionador Francisco Neto para o duplo amigável disputado na cidade berço, a média cumpriu, diante a seleção do País de Gales, a sua 89.ª internacionalização pela equipa principal, numa carreira já com muitos títulos e objetivos conquistados.

Em entrevista à Mais Guimarães, Vanessa Marques abordou vários temas, elogiando a sua progenitora por todos os feitos alcançados.

Nascestes em França, precisamente em Lyon. Sofreste muito na final do Europeu de 2016?

Não. Estava totalmente a apoiar a nossa seleção. Apesar de ter nascido em França e ter raízes francesas, sinto-me desde o primeiro momento em casa. Represento o meu país com muito orgulho e naturalmente que apoio a seleção portuguesa.

Como te sentes em fazer parte da história de Portugal, integrando o grupo que se qualificou pela primeira vez para um Mundial?

Tendo em conta toda a evolução que tem havido no futebol feminino, seja para mim ou para as minhas colegas, é um grande orgu-

“É GRAÇAS À MINHA MÃE QUE SOU A MULHER QUE SOU”





DIREITOS RESERVADOS



DIREITOS RESERVADOS



Hoje faz parte desta história. Vimos de gerações completamente diferentes, em que o início do futebol feminino era completamente diferente dos dias de hoje. Hoje, estas meninas que estão a aparecer no futebol feminino têm tudo para evoluir e singrar no futebol.

O futebol feminino cresceu muito. O preconceito desapareceu ou ainda há um caminho longo a percorrer?

Ainda há um longo caminho a percorrer. Acho que parte muito das mentalidades das próprias pessoas. Cada vez mais as pessoas têm aderido ao futebol feminino e têm visto a mulher com outros olhos. Mas, evidentemente, não podemos pedir uma mudança de um dia para outro. Etapa a etapa, estamos a conseguir essa mudança que é vista com bons olhos.

Já foste vítima de algum preconceito?

Sempre fui muito acarinhada. Comecei no Clube Caçadores das Taipas, a jogar com rapazes, e sempre fui muito protegida por eles. Claro que depois surgiam palavras menos boas nas bancadas e que, infelizmente, ainda surgem. Mas, como disse anteriormente, espero que essa mudança aconteça e que as pessoas comecem a consciencializar-se daquilo que dizem.

Como reagiram os teus pais quando disseste que querias ser jogadora de futebol?

A minha mãe reagiu muito bem. Aliás, é graças à minha mãe que sou a mulher que sou hoje. Devo tudo a ela. É o meu grande pilar. Desde que comecei, com cinco anos, que me acompanha até aos dias de hoje. Seja no clube ou na seleção. É o meu maior orgulho e o meu maior pilar.

A Vanessa e outras jogadoras abriram muitas portas para as meninas que querem jogar futebol. Que mensagem gostarias de deixar aos pais e às meninas?

Que apoiem as filhas, porque cada vez mais surgem oportunidades e equipas com camadas jovens. Na minha altura, por exemplo, só tinha masculinos. E, com 13 anos, já jogava com pessoas de 35 na primeira divisão. Agora, há escalões próprios para isso. Dizer às meninas para seguirem os seus sonhos e fazerem o que mais gostam. Que usufruam do futebol em si e que aproveitem para se divertirem umas com as outras.

Ainda te lembras da primeira chamada à seleção? Onde estavas?

Estava com a minha mãe. E, quando recebi a chamada, foi uma felicidade enorme. É honroso ser chamada neste espaço de elite. Espero continuar a ser chamada durante muitos anos pelo professor Francisco e vou trabalhar para isso.

A tua mãe é a principal referência?

Ela é o meu ídolo. Se tenho de referir alguém será sempre a minha mãe. Por me acompanhar no percurso, por tudo o que vivenciei com ela e por todas as etapas difíceis que passamos ao longo da nossa vida. É o meu grande exemplo.

Tiveste a vida facilitada na escola, por exemplo, quando tinhas de te ausentar para representar a seleção?

Efetivamente não. O ensino era um bocado diferente, mas tinha alguns professores que compreendiam as situações e as faltas eram justificadas quando estávamos em espaço seleção. Mas é complicado conciliar as duas coisas. Parte do nosso dia é vivenciado no Sporting de Braga, o meu clube. Requer muito sacrifício, mas, se queremos alguma coisa na vida, também temos de fazer por isso.

Como é o teu dia a dia, sendo uma jogadora profissional?

Tenho treinos de manhã e, por vezes, também tenho da parte da tarde. Nas pausas gosto de aproveitar o tempo com a minha família, com a minha mãe e os meus irmãos. Também aproveito para estar com os amigos. Gosto de viajar, explorar coisas novas e fugir um pouco do ambiente do futebol.

Ainda é conhecida como "princesinha"?

Sim. Surgiu na seleção e ficou para sempre. É um nome que já aca



rinho bastante e acaba por ser engraçado as pessoas chamarem-me isso.

Dentro de campo tens sido mais rainha, com um número elevado de golos. Há marcas pessoais para concretizar?

Quero, acima de tudo, sentir-me feliz a fazer o que mais gosto. As coisas surgem naturalmente quando estamos bem, felizes e confiantes. E para atingir um determinado objetivo, além de ser preciso trabalho, são necessários estes aspetos para concretizar golos, por exemplo.

Os ordenados das jogadoras profissionais continuam muito distantes do futebol masculino. É uma luta inglória ou para ganhar?

Como disse anteriormente, o futebol feminino está a evoluir. Antigamente, eu pagava para jogar. Agora, acaba por ser o contrário. Os salários são completamente diferentes e ainda falta muito para chegar aos ordenados do futebol masculino. Queremos essa aproximação, é claro, mas não podemos ter tudo de uma só vez. Os clubes têm vindo a apostar, as federações também. Há muita gente a lutar em prol de objetivos, sendo a questão dos ordenados uma delas.

Já foste considerada a melhor jogadora do campeonato, a melhor marcadora, ganhaste títulos, jogaste a Champions, disputaste o Europeu e agora tens o Mundial pela frente. Há mais alguma coisa para concretizar?

Todas as etapas que aparecem, enquanto jogadoras, queremos sempre mais. Não nos podemos contentar com pouco. Ambiciono

mais, quero mais, quero sentir-me melhor ainda.

Já cumpriste o sonho de jogar no estrangeiro, precisamente na Hungria. Um sonho para ser refeito noutra liga?

Possivelmente. Foi uma experiência muito boa e gostei muito, mas também muito difícil, por estar longe da minha mãe e da minha família e porque foi em plena pandemia. Foi difícil a adaptação, mas fui muito bem tratada pelas pessoas do Ferencváros. Ainda mantenho contacto com muitos deles. Mas espero um dia, se surgir alguma oportunidade, voltar a experimentar outra realidade.

O que nos podes dizer da Hungria?

É um país muito bonito. Não estava à espera. Mas conheci pessoas que me acolheram de forma extraordinária. E cumpri os objetivos, que foi ganhar o campeonato e a taça.

Jogar no Lyon seria a cereja no topo do bolo?

Seria um sonho e não posso negar isso. Foi onde nasci e onde ainda tenho família. É um dos melhores clubes do mundo.

Quem é o teu ídolo no futebol?

Como já disse, o meu ídolo é a minha mãe. O meu maior exemplo e a minha maior força.

Fizeste 27 anos recentemente. Algum pedido especial?

Consequirmos, aos poucos, acompanhar esta evolução e alcançar



bons resultados. E continuar a mudar um bocadinho aquilo que as pessoas veem com os próprios olhos.

Como estão os estudos?

Estão a correr bem, mas de forma calma. É difícil conciliar as duas atividades. Vou fazendo algumas cadeiras e tenho tido a ajuda de alguns colegas e professores. Com tempo, o objetivo será acabar a licenciatura em Ciências de Comunicação.

Ser jornalista é um dos planos?

Será algo ligado a Ciências de Comunicação e ao futebol. É um curso que pode proporcionar entrada em várias áreas.

Qual é a pergunta que nenhum jornalista te fez?

Acho que praticamente todas as perguntas foram feitas. E as pessoas já olham para o futebol feminino com outros olhos e já conhecem as nossas histórias. Nesse sentido, penso que todas as perguntas já foram feitas.





MESSI OU RONALDO?

Dois jogadores completamente diferentes. Posso identificar-me mais com características do Cristiano ou do Messi em diferentes momentos do jogo. Dois jogadores excelentes, num patamar acima da média.

PORTUGAL OU FRANÇA?

Portugal.

PRAIA OU MONTANHA?

Praia.

SENDO UMA GOLEADORA, A QUEM GOSTAVAS DE MARCAR UM GOLO?

A todas as equipas. Faz parte da identidade de uma jogadora marcar e ganhar.

AMULETO DA SORTE?

Não tenho.

NUM DUELO COM A SELEÇÃO MASCULINA, QUEM GANHARIA?

A feminina, sem dúvida [risos].

QUE MÚSICA OUVES ANTES DOS JOGOS?

Um pouco de tudo, mas às vezes não ouço nada. Depende como estou, do meu sentimento e do momento em si.

QUAL É A TUA BANDA PREFERIDA?

Não tenho [risos].

E LETRA PREFERIDA?

Também não tenho [gargalhada].

O QUE TOMAS AO PEQUENO-ALMOÇO?

Vou variando. Pode ser ovos mexidos com pão, cereais, iogurte, fruta, sumo de laranja. E café, que para mim é imprescindível.

QUAL É A PERGUNTA QUE ESTÁS CANSADA DE RESPONDER?

Se a mulher se sente inferior ao homem.

QUAL É O TEU LEMA DE VIDA?

Que todos os sonhos são possíveis.

PUB



*Equipa número 1
de Guimarães!*

**Equipa
Emanuel Varela**

963 690 009
emanuel.varela@remax.pt

*Chamada rede móvel.



Inadiáveis Leituras

LATITUDES DE LIBERDADE

FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS



Sílvia Lemos
Rimas & Tabuadas

Começa abril.

Já ouço as músicas que me fazem estremecer. Aos vinte e cinco dias do mês de abril do ano 1974 estava no ventre de minha mãe e no abraço do meu pai e acho que aprendi aí a palavra Liberdade. Tenho em mim a herança da alegria e da esperança daquele dia. Os livros censurados iriam ser todos lidos em voz alta.

Deve ser por causa disto tudo que não baixo braços. Tenho flores para carregar.

Deve ser por causa disto tudo que vou buscar para as Inadiáveis Leituras deste mês Luis Sepúlveda à memória...ele que deixou as nossas ruas e que voou em abril, há três anos. Ele que, lá no Chile, naquele ano de flores na rua em Portugal, ainda estava preso e sabia que estava a ganhar. Alegrem-se os justos sempre que cai uma ditadura. Não há prisão que os amedronte.

Sepúlveda traz-me o sabor da luta e da resistência, da doce alegria da presença do Outro. Sabe de que é feita a fraternidade. Ele saboreia a fraternidade e emociona-se com o sofrimento dos outros e com a perda, mas não imprime na pele o ódio e a amargura. Gosta do vento e do mar e da selva. Partilha o pão, partilha o vinho, a conversa longa, a vida vagarosa. Arrisca histórias impossíveis. Viaja por todas as latitudes em busca de liberdade. Dá-nos "A história da gaivota e do gato que a ensinou a voar" e depois "A história de um gato e de um rato que se tornaram amigos". Escreve muito, escreve com disciplina, que a memória é coisa séria, e não quer esquecer o "Velho que lia romances de amor" ou o "Encontro de amor num país em guerra".

É ativista porque a liberdade vem longe e a natureza corre perigo e o pensamento e o coração transformam tudo em ações.

É militante, é voluntário "entre banhos frios no Pacífico e aulas de Matemática, entre sopas coletivas e cursos de Filosofia, entre bosques aromáticos e poemas que impregnavam a noite". Es-

creve para nos contar vidas de ferroviários e de pastores, para descrever aquele "Patagónia Express", para nos por em viagem, escreve a dar-nos as "Últimas notícias do sul", escreve para insistir em mais "Crónicas do Sul", de homens e mulheres de mil geografias. Escreve para denunciar e anunciar "O general e o Juiz". Escreve para revelar "O poder dos sonhos" e "Uma ideia de felicidade".

Que intensa vida se revela, no "Mundo Sepúlveda".

Escrevo intencionalmente no presente, porque habita o eterno presente.

Todos os seus livros continuam a levar-me de viagem à política, aos companheiros, aos operários e camponeses, aos presos, aos torturados, a tudo o que não me aquietava, a tudo o que me emociona, mas também ao sabor da amizade, ao amor, ao tempo da paz e do descanso urgente. Vou ao sul do mundo, à aridez, ao azul e às intensas cores. Já oiço a música e o povo. Sigo ao norte, às ruas da velha Europa sempre a reconstruir democracias, a fazer a guerra à procura de paz.

Invariavelmente vou parar aos escritos de autores que pressinto pertencerem à mesma essência. Partilharam a mesa. Partilharam preocupações. Vou parar ao Miguel Carvalho, grande repórter da Revista Visão, e à sua "Amália - Ditadura e Revolução - A história secreta". Miguel Carvalho a revelar a sua Amália, a nossa Amália a cantar para o regime e a subsidiar revoluções, a revelar a noite de Amália fora do brilho do palco, a noite escura à procura de luz. Miguel Carvalho a escrever o país. Inspira-me tanto a sua bondade, o desejo insaciável de verdade. O desejo de acordar os idiotas úteis. Sempre a trabalhar revelando as faces invisíveis da história. Ofício bonito e corajoso a tecer História diariamente.

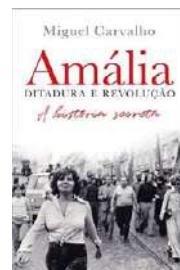
Leiam tudo, leiam o que de tanto e tão bom escreveram estes meus autores de abril. São todas inadiáveis, estas leituras.



Porto Editora
PVP 14,40€



Porto Editora
PVP 22,20€



Dom Quixote
PVP 22,90€



VICTOR HUGO PONTES

**"A MINHA ARTE REFLETE
AQUILO QUE EU SOU"**



A celebrar 20 anos de carreira como criador está o vimaranense Victor Hugo Pontes. Nesta entrevista, recorda como começou a dançar, no Grupo Folclórico da Casa do Povo de Creixomil, a passagem pelo "A Grande Serpente", em 1994, e fala ainda das mudanças que vê em Guimarães a nível cultural desde essa altura. Um spoiler: foram "ui, tantas, mas tantas, tantas..."

Em 2016, disseste, à Mais Guimarães, "acho que nunca soube o que queria ser nem agora sei o que quero ser. Sei o que faço. Isso é diferente". Sete anos depois, já sabes o que queres ser? Ou não é preciso saber?

Acho que continuo sem saber. Acho que ainda continuo à procura de respostas. E por isso é que continuo a trabalhar nesse sentido. Essa frase vem no seguimento de uma ideia em que nós somos aquilo que fazemos ou quando nos perguntam aquilo que nós somos, nós respondemos com aquilo que fazemos. E nem sempre somos aquilo que fazemos, embora eu ache que muito do meu trabalho reflete aquilo que eu sou e aquilo que eu penso, quais são os meus ideais e as minhas ideologias, e cada vez mais também o meu posicionamento enquanto cidadão perante as questões da sociedade e do mundo.

Depois de um percurso artístico que começou no teatro, em Guimarães, quando ainda frequentavas o ensino secundário, dois cursos, no Porto, na faculdade de Belas Artes e no Balletteatro, o curso de Teatro Universitário do Porto, o curso de Pesquisa e Criação Coreográfica do Fórum de Dança, o curso de Encenação de Teatro da Fundação Calouste Gulbenkian... Entretanto, houve mais algum curso?

Houve. É curioso porque em 2017, já estava a dar aulas há muito tempo e a criar há algum tempo também, e senti a necessidade de fazer novamente formação, porque achei que tinha que, de certa forma, ter novos estímulos, não ser só eu a propor e eu sempre a trazer as ideias para a mesa e apetecia-me entrar num estúdio e que alguém me dissesse aquilo que eu tinha para fazer, ou que também fosse estimulado de outra forma. Inicialmente, ainda no final de 2016, inscrevi-me na pós-graduação em dança contemporânea, na ESMAE, no Porto. Acontece que não me identifiquei com a própria pós-graduação. Senti que não seria por ali o caminho.

Entretanto, como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, fui estudar para Viena, na Áustria, e estive como bolseiro num programa chamado Dance Web do Festival Impulso Dance. Foi um momento muito, muito forte de nova aprendizagem, nova partilha, de conhecer muita gente... Era uma turma feita com pessoas de todo o mundo. Só essa experiência de poder estar em contato direto com pessoas de todo o mundo foi extremamente forte. Para além de que os professores eram professores que eu escolhia, que queria fazer as aulas, e não os professores que eu tinha que ter porque faziam parte do plano curricular. A cada duas horas eu tinha a possibilidade de ter 15 aulas distintas e dessas 15 aulas era eu que fazia o meu plano curricular. Acho que isso é uma grande vantagem, nós escolhermos com aquilo que nos identificamos mais, aquilo que faz mais sentido. Às vezes é bom irmos para sítios que não conhecemos, também. Acima de tudo, acho que é muito interessante sermos nós a fazermos essa escolha e termos essa possibilidade de escolha. A maior parte das faculdades ou dos cursos não nos dá a possibilidade de escolha. Essa liberdade acho que é muito interessante e foi algo que eu trouxe mesmo para repensar o ensino da arte. Cada vez mais acho que devem ser os alunos a fazer as suas próprias escolhas.

Hoje acreditas, ou já na altura acreditavas, que as áreas onde estavas tinham mais em comum do que muitos imaginavam?

Só vem confirmar que estava certo e cada vez tenho mais certeza disso. Acho que cada vez mais o conhecimento não ocupa lugar. Acho que quanto mais sabemos, mais somos ricos, como pessoas, também. Acho que depois disso se reflete no próprio trabalho. É muito curioso, porque inicialmente os alunos não percebem porque é que têm que estudar português se querem ser atores ou se querem ser bailarinos. Depois percebem que quando vão fazer uma peça de teatro têm que perceber o texto que lá está e, portanto, as aulas de português foram muito úteis, assim como as aulas de matemática também são ótimas para depois fazermos orçamentos. Também tem esse lado da produção no trabalho que fazemos, não é só um lado artístico. Era muito bom que fosse só dessa forma [risos], mas, infelizmente, não é. Temos que depois saber gerir muita coisa. Para além das áreas artísticas em si, que são importantes depois na construção dos espetáculos - saber como é que a luz funciona, como é que o som funciona, ter essa



sensibilidade, são tudo mais valias que só enriquecem o meu trabalho e a forma como eu estou a trabalhar.

Da altura do teatro de rua, tens alguma história que te tenha marcado e que possas contar?

Tenho muitas histórias, porque foi um período muito intenso, de grande trabalho, em que trabalhei em contextos muito distintos, a fazer coisas mesmo muito distintas. Fiz de Pai Natal, em cima de umas andas de um metro e isso tem uma história muito curiosa e até aflitiva. Estava a fazer animação, dentro do Triângulo. Tínhamos uma amiga nossa que, na altura, veio connosco, mas estava muito cansada e foi descansar para o carro. Resolvemos passar próximo do carro para ver se estava tudo bem e ela estava a ter um ataque epilético dentro do carro. Apercebemo-nos disso e começamos a chamar as pessoas, mas como as pessoas nos viram vestidos de Pai Natal e tivemos mesmo de tirar as barbas e as perucas, como quem diz: "está aqui algo a passar-se, é grave".

Mas houve outras muito divertidas, nas mais diversas situações com os mais diversos públicos também. Às vezes as crianças também eram muito inusitadas e faziam comentários muito divertidos àquilo que nós fazíamos. Foi assim um período muito intenso.

Sobre histórias engraçadas... Venceste um prémio e não percebeste porque estava a ser apresentado em alemão...

Não sei falar alemão [risos]. Depois percebi que era eu que tinha ganho, mas inicialmente não estava a perceber que tinha sido eu, porque estava a ser anunciado em alemão.

Voltando um bocadinho ao teu percurso, a dança surge porque és convidado para entrar como ator em dois espetáculos de dança, certo?

Certo sim, inicialmente num espetáculo de dança, e a partir daí abriu-se um universo de possibilidades na medida em que primeiro comecei a perceber como é que era construir um espetáculo de dança contemporânea e isso interessou-me muito. No teatro havia uma coisa que era a atribuição das personagens, logo no primeiro ou segundo ensaio. Ficava a saber que ia fazer aquele, decorava o texto e a coisa estava muito estabelecida. Independentemente do meu desempenho, podia ter mais aparições ou menos, mas ia estar sempre muito condicionado ao tamanho da minha personagem. Se bem que não se diz que há grandes e pequenas personagens, há grandes e pequenos atores. Mas, independentemente disso, havia já essa condicionante. Na dança, percebi que isso não funcionava assim. Funcionava sempre a partir do material que tu

propões ao coreógrafo, aquilo que tu vais mostrando e, a partir daí, ele vai compondo também. Portanto, havia muito mais possibilidades e dependia do trabalho que tu fazias e não do que alguém tinha decidido que tu ias fazer logo à partida. Claro que depois o coreógrafo vai decidindo o que é que fica, o que é que não fica, mas se tu propuseres bom material, à partida, fica com ele. Foi surpreendente perceber que as coisas iam-se construindo à medida que os ensaios se iam desenrolando e não estavam todas pré definidas quase à partida.

Percebi que compor era muito parecido ao método que aprendi em Belas Artes para compor, não numa superfície bidimensional que era a folha ou a tela, mas depois num espaço tridimensional - o que é que se passa num primeiro plano? O que é que se passa no fundo? A caixa do palco como um objeto tridimensional. - Isso começou-me a interessar muito, esse tipo de relações. A certa altura percebi que poderia ser por aí o caminho e inscrevi-me no Fórum Dança para fazer o curso de Pesquisa e Criação Coreográfica.

Tornas-te coreógrafo - se é que se pode dizer assim, tornas-te -.

Sim, acho que me torno coreógrafo. Primeiro, acho que começo a ser respeitado pelos pares ou pela imprensa, que começa a chamar-me coreógrafo. Começo-me a ver nesse lugar e depois digo: "não, realmente eu estou a fazer coreografias, eu sou coreógrafo". Mas isso também acontece porque existe sempre uma ideia pré concebida, porque para ser coreógrafo tem que se ser bailarino e tem que se ter tido uma formação em dança muito forte anteriormente. Acho que o meu caso, como outros muito recentes, provam exatamente o contrário. Não quer dizer que uma pessoa não tenha que ter formação em dança, que não seja importante, mas não é a única formação necessária. Pode ser complementada com muitas outras que enriquecem só o nosso trabalho coreográfico.



la perguntar precisamente isso. Para ser coreógrafo é ou não preciso saber dançar?

Não é preciso saber dançar, é preciso saber pôr os outros a dançar e saber como é que se dirige os outros para dançarem. Eu não preciso de fazer tudo aquilo que os bailarinos fazem, eu preciso de saber como é que os dirijo para eles chegarem lá. Até porque eu não sou professor de dança. Um coreógrafo não é um professor de dança. Isso são coisas distintas. Um professor de dança dá técnica de dança, um coreógrafo trabalha a partir daquilo, tem uma linguagem coreográfica própria, pode ter linguagens específicas que gosta ou dinâmicas do movimento, mas não é um professor de dança. Não tenho que ensinar a dançar, eu escolho as pessoas e a partir desse material vou construindo com elas, desafiando-as a ir por outros caminhos, coisas que não conhecem, explorando outras outras linguagens, às vezes, mesmo a apropriação do material, como é que se transforma. Mas, acima de tudo, não é preciso saber dançar nesse sentido de que tenho que ser eu a executar tudo aquilo que eles estão a fazer. Até que, se não, só teríamos coreógrafos até aos 35 anos, 40, porque, a partir daí, a maior parte já ninguém consegue fazer os macacos e as rodas e os mortais que os miúdos de 20 anos fazem.

Mas esse não foi o teu primeiro contacto com a dança. Tinhas estado no Grupo Folclórico da Casa do Povo de Creixomil. Hoje em dia acreditas que isso te fez traçar esse caminho e chegar aqui?

Não sei se isso me fez traçar o caminho. Eu acho que isso foi uma primeira abordagem que aconteceu. Provavelmente foi uma forma de eu já fazer dança que era uma coisa que eu gostava muito. Ir para o rancho folclórico foi algo que eu gostava mesmo muito de ali estar. Na verdade, eu fui para lá porque era para haver um grupo de teatro infantil. Isso degenerou no rancho folclórico e como eu já

“NÃO É UM CAMINHO FÁCIL, MAS TAMBÉM É UM CAMINHO DE GRANDE REALIZAÇÃO PESSOAL.”

lá estava, acabei por ficar. Acima de tudo, gostava muito de aprender as coreografias, dançar, da música, do ritmo, dos passeios, dos convívios, das relações... Viajávamos muito. Quase todos os fins de semana se ia para um sítio diferente. Às vezes, na véspera, dormia-se no autocarro ou dormia-se na rua. Não era nada como é hoje em dia, mas acho que isso também criou relações... Mesmo esta relação interpessoal e mesmo o trabalho em grupo é muito importante para depois também saber gerir um grupo. Portanto, acho que isso tudo estava lá desde o início ou foi muito importante para mim, não no sentido do desenvolvimento técnico, ou mesmo da plasticidade do meu próprio corpo, porque isso não tive possibilidade de desenvolver, porque depois no rancho folclórico não se faz alongamentos, nem trabalho técnico, trabalha-se exatamente com os corpos das pessoas como estão e é uma questão de endurance para conseguir dançar o vira durante muito tempo [risos].

Foi importante, mas não foi isso que me fez ser coreógrafo. Aconteceram outras coisas pelo meio que me levaram aqui.

Era uma altura em que um rapaz dizer que queria ir para a dança...

Completamente. Com os preconceitos todos que estão atribuídos ainda hoje isso acontece.

É muito curioso. Eu fiz uma audição há cerca de um mês em que apareceu muita gente e havia um jovem que veio, dançava muito bem e perguntei-lhe com que idade é que ele tinha começado a dançar. Começou a dançar muito novo. Aos seis anos de idade disse que queria ir para o Ballet. Depois de estar no Ballet, a avó levou-o para o Kung Fu para ele se defender do bullying que os outros miúdos faziam por andar no Ballet. Ele tem 20 anos, eu já tenho muitos mais. O estigma ainda se mantém, apesar de tudo. Há muitas mudanças, mas há muitas que ainda se mantêm.

E essa ideia muito pré concebida do que é que é para rapaz e o que é que é para menina, que cada vez mais faz menos sentido, do meu ponto de vista, seja no vestuário, seja nas profissões, seja nos desportos. E uma grande vantagem é termos a seleção feminina de futebol no Mundial, também, que é uma grande luta para ganhar outro tipo de representatividade.

Como é que é celebrar ou o que é que significam estes 20 anos de carreira?

Na realidade, eu gosto muito pouco de celebrar o que quer que seja [risos], nem o meu aniversário celebro. Mas acho que é importante às vezes pontuar e aqui tem muito a ver também com uma estrutura que é a Nome Próprio. Pontuar os 20 anos é, sem dúvi



da, um momento muito forte e eu fui mais aliciado pela estrutura a que essa comemoração existisse, ou essa celebração, e não tanto por vontade própria.

São 20 anos como criador - e acho que é importante dizer isto, porque às vezes as pessoas podem pensar que são 20 anos como artista e não. Comecei como artista aqui, n" "A Grande Serpente", em 1994 -.

Acho que, sem dúvida, foi um percurso feliz, muito feliz, e nada expectável. Eu nunca diria que iria ser coreógrafo há 20 anos se me perguntassem. Não era este o futuro que traçava para mim.

Já fazias espetáculos desde 2003, mas partilhavas a noite com alguém. Só em 2006 é que construístes um espetáculo para uma noite inteira. Como é que foi esse momento em que viste, pela primeira vez, uma noite inteira tua em palco?

[risos] Estava aqui noutros pensamentos. Confesso que a meio da pergunta eu pensei "eu disse que partilhava a noite com outras pessoas?". Estamos a falar da noite dos espetáculos e não do horário pós noturno. Estava a ver que vocês tinham informações secretas sobre a minha vida íntima e privada.

Não é que tenha sentido assim uma grande mudança, porque o sentido de responsabilidade é o mesmo. Não é que para mim tenha sido assim uma grande mudança. Porque tinha um princípio meio e fim, não era uma coisa complementar de outro. Tinha cerca de 30 minutos e depois entrava outro. Quando fiz um de uma noite inteira tinha 45. Não foi assim uma diferença tão grande...

Apesar desses 20 anos, disseste que só em 2011 é que sentiste que as pessoas entravam nos teus projetos e apostavam em ti sem saberem para o que é que iam, sem saberem o objetivo. Foi um caminho difícil?

É sempre. É sempre muito complicado. Vejo isso pelos jovens que agora começam ou tentam começar e com os quais eu me cruzo, porque cada vez mais dou formação em diferentes contextos e cruzo-me com os jovens artistas que estão também em início de carreira, a fazer as suas primeiras obras, a tentar segundas, terceiras... E é sempre muito complicado porque o mercado não é assim tão grande, não há um apoio tão grande às artes, há poucos espaços que acolhem projetos emergentes... É todo um processo muito difícil até se começar a ter aceitação, até se começar a ser reconhecido, até os teatros começarem a querer ter eles interesse naquilo que nós estamos a fazer e não sermos nós que estamos constantemente a dizer "tenho uma peça nova, tenho um projeto novo para desenvolver". Isso é tudo um longo caminho que não é fácil, por isso é que grande parte diz "não vás para artista, porque é um caminho muito difícil". Não é um caminho fácil, mas também é um caminho de grande realização pessoal.

Nestes 20 anos, teres conseguido convencer o teu pai a entrar nos teus espetáculos foi uma vitória?

Não foi muito difícil. Foi muito curioso porque, na altura, eu convidei o meu pai e depois percebi que a minha mãe tinha ficado com muitos ciúmes.

Curiosamente, eles estão sempre presentes, ou quase sempre, porque são eles que executam a confeção dos figurinos da maior parte dos espetáculos. Acabam por estar sempre presentes também nos objetos artísticos.

"Corpo Clandestino" foi apresentado em Guimarães e está a percorrer Portugal... A arte em geral e a dança em particular pode funcionar como uma arma?

Sempre. "A cantiga é uma arma", já dizia o José Mário Branco. Acho que, sem dúvida, a cantiga, a dança, tudo aquilo que colocamos em cena... eu costumo dizer mesmo: é um gesto político. Eu estou



a tomar uma posição política a escolher as pessoas que escolho para estar em cena. E às vezes não preciso de estar com uma bandeira nem preciso de anunciar e é isso que eu gosto mais de fazer. Não gosto de dizer que vou fazer, gosto de fazer e já está. Está lá e agora quem quiser lê isso porque está lá muito claro e quem quiser não vê dessa forma. Mas eu ao colocar um corpo trans em cena também estou a dar visibilidade a uma realidade social que muitas vezes não tem lugar em cima de um palco.

Às vezes as pessoas ficam sem perceber muito bem sobre o que é que é um espetáculo ou querem que eu faça uma descrição muito detalhada daquilo que acontece em cena. O que é muito triste, porque acho que a dança não é para ser explicada. Às vezes pedem-me "descreva o espectáculo". Se fosse passível de ser descrito, eu tinha escrito um livro e não tinha feito um espetáculo de dança contemporânea. "Corpo Clandestino" tem sete intérpretes e começo por eles, porque eles são mesmo a génese do que é o projeto. Sete intérpretes que à partida não assumem um padrão e a partir do momento que não há um padrão, não há uma norma. São sete corpos não normativos, podemos dizer assim. Desde pessoas com nanismo, pessoas muito altas, um corpo negro - que, apesar de parecer que é normal, ainda não é normal estar em cena - temos um corpo trans, temos um corpo sem membros, temos um corpo que é mais volumoso do que aquilo que nós estamos acostumados. O grande conflito deste espetáculo é perceber como é que estas pessoas, que não representam a norma, conseguem dançar num espetáculo de dança contemporânea tão capazes quanto os outros todos. Isso é a grande questão deste espetáculo. Como é que podemos mudar o paradigma? Somos confrontados com imagens que achamos que não existem, porque, exatamente, estas pessoas estão escondidas e não fazem parte do nosso quotidiano. Se fizessem parte nós já estaríamos habituados a estas realidades e não ficaríamos tão surpresos ou tão chocados como algumas pessoas ficam quando são confrontadas e rejeitam quase.

É muito curioso, só um parênteses, - eu falo muito [risos] -. Fiz uma exposição de fotografias comemorativa dos 20 anos e fizemos umas performances. O Paulo Azevedo, na performance, a certa altura, dizia uma coisa que, para mim, foi muito marcante. Há sempre esta pergunta de qual é a dificuldade maior que ele encontra nas acessibilidades, ter escadas, não ter escadas... E ele diz que a maior dificuldade é tentar mudar a mentalidade das pessoas, porque os edifícios vamos mudando, agora a forma como as pessoas olham para ele, isso não consegue mudar. E é aí, é a forma como nós olhamos para o outro, porque aí reflete logo tudo. Ele consegue perceber se estão com este lado de "ai, coitadinho, que pena" ou se é uma pessoa normal e tratam-no como uma pessoa normal, porque é isso que a pessoa é, não tem membros. Não estamos habituados a ver uma pessoa sem membros. Não, não estamos, devemos começar a vê-las mais, porque elas existem.

Para terminar, e porque estamos em Guimarães... Ao longo destes 20 anos, que mudanças é que vêes a nível cultural na cidade?

Ui, tantas, mas tantas, tantas...

20 anos ou desde 1994...

Exato. Na relação com Guimarães começa um bocadinho antes [risos].

Há muitas mudanças. Este espaço [grande auditório do Vila Flor] não existia. Eu vinha aqui, a este lugar, apanhar flores para os ensaios que aconteciam ali ao lado [Palácio do Vila Flor]. Mas não são só os equipamentos culturais que mudaram. Acho que há muito trabalho feito também na comunidade. Ainda continua esta ideia de que há muito mais a fazer ou que se fez ainda muito pouco. Claro que se pode sempre fazer muito mais, podemos estar-nos sem-



pre a queixar. É como na cultura, precisamos mesmo de ter mais dinheiro. Provavelmente era preciso ter mais grupos de teatro, ter uma ligação maior com o território... Mas eu acho que esse trabalho tem vindo a ser feito. Acho é que às vezes as pessoas também não chegam lá, não têm conhecimento e depois falam sem saber. Para mim é muito aborrecido, às vezes, perceber que as pessoas falam sem perceber o contexto, sem perceberem o trabalho que as estruturas fazem, o que é que está a ser feito no território e depois não se aproximam. Isso já era uma coisa que acontecia em Guimarães, esta mania que existe de falar dos outros quando estão a fazer e ninguém fazer nada. Isso deixou muito claro porque era uma coisa que já existia e eu acho que ainda continua a existir. Um exemplo muito claro foi a grande polémica porque o Centro Cultural Vila Flor não acolhia um espetáculo de uma pessoa mediática que aparece na televisão. Então era um "espaço elitista". Eu fiquei bastante revoltado, confesso, porque nessa altura eu estive com um espetáculo aqui no auditório em que o preço do bilhete era de dois euros. Era um espetáculo que estava integrado nas práticas artísticas para a integração social e o auditório não esteve cheio. O preço do bilhete era de dois euros. Acho que mais acessível que dois euros não existe, mas o preço do bilhete desse espetáculo dessa pessoa não é dois euros, é bastante mais. Quería perceber onde é que está a acessibilidade. Se é pagar 15 euros para ver um espetáculo de uma pessoa que aparece na televisão ou se é pagar dois euros para ver um espetáculo de grande qualidade, que já circulou no país todo, que levanta questões muito pertinentes. Às vezes temos a mania de falar sem conhecermos o que é que está a acontecer. E o que é que é ser acessível? É pagar dois ou 15? Isso é o que eu pergunto. Desculpem, mas agora também me passei [risos].

PUB

ENEDECOR
Mobiliário & Decoração

Av. D. João IV - 1147 4800-532 Guimarães
Tel. 933 578 928 • geral@enedecor.pt
www.enedecor.pt



PRIMAVERA
AOS MELHORES PREÇOS

**1.000 M²
DE EXPOSIÇÃO**

BREVES E INTERESSANTES



DOGECOIN INVADIU TWITTER E O SEU VALOR DISPAROU

Elon Musk lança mais uma cartada na sua rede social e agora o que era o ícone do pássaro azul é a cara do pequeno Kabosu, o Shiba Inu da Dogecoin.

O valor da criptomoeda disparou depois da mudança, tendo o preço da moeda passado de 0,070 € para 0,094 €. Este aumento representou o maior aumento deste ano. Especula-se que os pequenos pagamentos com Dogecoin possam mesmo estar a chegar ao Twitter e esta poderá ser encarada como uma forma de aumentar os lucros da empresa que continua a cair e depois de muitas empresas terem abandonado o valor investido em publicidade na rede social.



HISTÓRIA DO THE PIRATE BAY EM DOCUMENTÁRIO

O documentário de seis partes baseado na história de The Pirate Bay já tinha sido anunciado em 2021, mas só agora, no outono deste ano, começará a ser produzido.

A produção ficará a cargo da B-Reel Films e da empresa de distribuição independente de Los Angeles, Dynamic Television. Piotr Marciniak é o principal argumentista e descreveu a série como "uma história clássica de ascensão e queda, uma tragédia sobre voar muito perto do sol, mas também uma história atemporal de um conflito de gerações". The Pirate Bay era um dos sites de torrents mais populares, para ter acesso a filmes e séries sem custos.



PLATAFORMA EÓLICA OFFSHORE FLUTUANTE

Uma das riquezas de Portugal é o mar e este é um potencial cada vez mais apetecido pelas empresas que se dedicam aos projetos de captação das energias renováveis. O nosso país pretende atingir 10 gigawatts de energia eólica offshore até 2030.

A Gazelle Wind Power é uma empresa de desenvolvimento de plataformas eólicas offshore flutuantes e está a associar-se à empresa portuguesa de desenvolvimento de energias renováveis WAM Horizon para pilotar a sua plataforma em Portugal. A plataforma, concebida para águas profundas, é tanto modular como escalável e o fabrico e a montagem são rentáveis e eficientes.



JORGE PAIVA: "O MEU CÃO GUIA É UMA EXTENSÃO DE MIM"

TEXTO: JULIANA MACHADO • FOTOGRAFIAS: CLÁUDIA CRESPO

Jorge Paiva e Zangão estão unidos, há seis anos, por um laço ainda mais forte do que qualquer outro animal de estimação. Há amor, há carinho e cumplicidade, mas, acima de tudo, há confiança. Invisível desde 2015, Jorge Paiva foi um dos portugueses que teve a sorte de lhe ver atribuído um cão-guia. Admitindo que os primeiros tempos não foram fáceis, o gestor financeiro de Santa Maria da Feira já coleciona muitos momentos com o seu companheiro de quatro patas. Destacam-se, entre eles, uma viagem a Angola, em novembro passado, e um roteiro pela Europa.

No âmbito do Dia Mundial do Cão-Guia, celebrado a 26 de abril, a Mais Guimarães foi conhecer esta história de superação.

DIREITOS RESERVADOS



Ficou completamente cego aos 47 anos, em 2015. Como é que foi lidar com essa nova realidade? A perda total de visão era um diagnóstico que já tinha...

Por muito que saibamos que isto pode vir a acontecer, lidar com a situação na prática é completamente diferente... Desde que nasci sempre tive baixa visão, mas tinha aquilo que se chama de “visão útil”. Ou seja, a visão que tinha era suficiente para andar na rua de forma autónoma. Eu tenho glaucoma crónico congénito e a perda de visão que dele advém é sempre irreversível. O tratamento que se faz é sempre preventivo para tentar travar o processo de degradação da visão. Foi isso que fui fazendo, com sucesso, durante cerca de 40 anos.

Durante os vários tratamentos e intervenções, estive sempre a trabalhar muito intensamente na área da fiscalidade e consultoria financeira, e acho que isso me ajudou bastante. Se por um lado estava a viver essa realidade difícil, por outro lado tinha essa necessidade e obrigação de continuar a trabalhar, até porque tinha compromissos com os meus colaboradores.

Em 2015, comecei a criar a convicção de que aquilo era uma situação irreversível e comecei a procurar soluções para recuperar novamente a minha independência e a minha liberdade para não estar dependente de outras pessoas. A forma mais rápida, mais fácil e óbvia era aprender a usar bengala branca para cegos.

Foi uma adaptação difícil?

Curiosamente, no secundário, algumas décadas antes, já tinha tido algum contacto com isso, apesar de contra a minha vontade. É aquele período difícil dos 15 anos e 16 anos [risos]. Ofereci alguma resistência, mas tive uma professora de ensino especial que me conseguiu dar algumas aulas e ensinar-me algumas técnicas. Portanto, eu já tinha algumas bases teóricas, não foi partir do zero. O problema maior foi que eu precisava dessa formação rapidamente. Como nas instituições para cegos o tempo de espera era de três a seis meses, optei por encontrar uma professora que me aceitou dar aulas de mobilidade. Em finais de 2015, já andava com a bengala branca sozinho.

Em que altura é que pensou, pela primeira vez, em ter um cão-guia?

Foi através dessa mesma professora. Logo na primeira vez que tivemos reunião, ela falou-me na hipótese de me candidatar a ter

um cão-guia. Nunca tinha ponderado isso e lembro-me que fui para casa a pensar no assunto. Fui pesquisar na internet a única escola de cães-guia em Portugal. Já não tinha um cão de companhia há muito tempo e achava que não ia ser possível, que era só para pessoas que tinham um quintal onde podiam largar um cão de porte médio. Achava que para quem vivia num apartamento, como era o meu caso, não iria ser possível. Ainda assim, em meados de 2016, candidatei-me e enviei os documentos necessários. Uma série de circunstâncias fizeram com que tivesse um cão-guia em apenas 14 meses, enquanto que o tempo médio de espera é de três a quatro anos.

É um processo que exige muita disponibilidade financeira?

Os cães-guia são entregues gratuitamente. A questão financeira é responsabilidade da escola de cães-guia, que tem de conseguir um financiamento de 18.000 euros por cada cão que é treinado. A escola é uma IPSS, é feito um processo de candidatura e os cães são atribuídos e entregues gratuitamente a quem eles entenderem que cumpre os critérios de elegibilidade.

No seu caso, o que influenciou essa entrega em tão pouco tempo?

Acredito que quando nós queremos muito uma coisa, nós acabamos por conseguir, e acabamos por facilitar o processo. Eu candidatei-me para um processo que, à partida, iria ser de três anos. A dada altura recebi um telefonema a dizer que existia a possibilidade de ficar com um dos dois cães que a escola vai anualmente buscar aos Estados Unidos. Na altura, pré-selecionaram cinco pessoas e eu tinha sido uma delas. Apesar desse protocolo ter sido suspenso, eu e uma outra menina, que fomos os candidatos selecionados, devido ao que tinha acontecido, tínhamos prioridade na atribuição de um cão. O meu estágio estava marcado, caso eu confirmasse o interesse, para meados de junho de 2017. Sem saber muito bem para o que ia, fui para Mortágua, onde está localizada a escola, com a crença de que se esta é uma solução procurada, é porque de facto traz benefícios em comparação com o uso da bengala.

E como é que foi esse primeiro contacto com o Zangão?

O primeiro contacto não foi fácil. Estava cheio de dúvidas e achava que um cão ia acabar por ser uma fonte de problemas por causa do acesso aos locais públicos e aos transportes. Achava que ter um cão em casa ia implicar muitas obrigações. O estágio é composto por uma semana na escola e uma outra semana no local

DIREITOS RESERVADOS



DIREITOS RESERVADOS





"O PRIMEIRO CONTACTO NÃO FOI FÁCIL. ESTAVA CHEIO DE DÚVIDAS E ACHAVA QUE UM CÃO IA ACABAR POR SER UMA FONTE DE PROBLEMAS POR CAUSA DO ACESSO AOS LOCAIS PÚBLICOS E AOS TRANSPORTES."

de residência. No fim do primeiro dia de estágio, a 19 de junho de 2017, tive o primeiro contacto sozinho. Na altura, queria ver os jogos de futebol à noite e tinha o cão sempre de um lado para o outro a querer brincar. E eu cheio de dúvidas a pensar em desistir. Não o fiz, pois, se desistisse, nunca mais na vida iria ter essa oportunidade, uma vez que há muita gente em fila de espera. A partir do segundo dia, comecei a aprender os comandos de andar com cão-guia, já em espaço urbano, em Mortágua, Viseu e Coimbra. Foi aí que comecei a perceber a diferença que um cão fazia. É como se uma pessoa passasse a ter visão novamente porque o cão não vai contra as coisas, desvia-se e faz a gestão dos percursos. E aí é que eu comecei a perceber a grande diferença que começava a ter na minha mobilidade.

Por vezes, passamos num sítio e está tudo bem e passado cinco minutos pode já ter um buraco ou um carro na calçada. Com um cão não existe esse tipo de constrangimentos. Ganhei consciência do tremendo impacto que um cão-guia tem em termos de independência, segurança e até na própria socialização. Quando usamos uma bengala, as pessoas tendem a afastar-se, até pelo receio de perturbar, e com um cão o efeito é contrário. O foco deixa de ser a pessoa cega e passa a ser o cão, e isso faz toda a diferença.

Como é que define a sua relação com o Zangão?

É bastante difícil responder a isso. Claro que um dia isso vai acontecer, mas já não imagino o meu dia a dia sem o meu cão. Ele faz parte, é como uma perna. O meu cão-guia é uma extensão de mim próprio. Portanto, é uma ligação de muita entrega mútua.

Disse que a presença do Zangão acaba por promover a socialização. Alguma vez teve alguma experiência menos positiva?

Sei que nem toda a gente tem esta perceção, mas não tenho grandes episódios de problemas. Eu exponho-me muito, viajo bastante e frequento muito espetáculos, sobretudo de música, mesmo em salas fechadas. Aliás, já estive com o meu cão em grandes salas do país.

Tive uma situação em que fui de Guimarães para o Porto e quando cheguei já não tinha autocarro para São João da Madeira. Já era tarde e optei por chamar um transporte. O motorista, quando chegou à minha beira, cancelou a viagem e foi-se embora. Perdi ali uns três minutos, depois abri um procedimento com a operadora e acabei por conseguir, com isso, 500 euros para a escola de cães-guia. Foi por uma questão mais psicológica, porque, no fundo, eu não tive prejuízo nenhum. Fiz a reclamação na plataforma, negociamos e tentaram oferecer-me alguns vouchers, mas expliquei que não era uma questão financeira que estava ali em causa. A única coisa que me exigiram, em contrapartida, foi não divulgar o incidente nas redes sociais.

Sabemos que já viveram muitas aventuras juntos e há, inclusive, uma viagem pela Europa com passagem por várias cidades durante 23 dias. O que é que nos pode contar desta viagem?

Comecei a viajar bastante, primeiro por razões profissionais, mas também em viagens de lazer. A certa altura, já depois de me ter mudado para Lisboa, percebi que não estava realizado profissionalmente, e percebi que se continuasse a fazer sempre o mesmo iria ter sempre os mesmos resultados.

Foi essa tomada de consciência que o meu cão, indiretamente, acabou por me trazer. Decidi liquidar a empresa que tinha, encerrar tudo, e partir para outras aventuras. Em abril de 2018, eu e a minha namorada da altura, também ela cega, fomos passar um fim de semana prolongado a Portimão. Estava no miradouro, junto à praia da Rocha, e lembro-me de estar a pensar que não valia de nada dizer ou escrever sobre o quanto um cão-guia impacta a minha vida sem o demonstrar. Como já tinha feito Erasmus em Barcelona, e falava bem espanhol, pensei em fazer uma viagem pela América Latina.

Os constrangimentos com os cães de assistência fizeram com que alterasse a viagem para a Europa. Quis trocar o conforto da língua pela segurança da legislação.

Em fevereiro de 2020, lancei o projeto e criei uma campanha de crowdfunding, não só para o financiar, mas também para criar uma comunidade à volta desta ideia. Na altura, as fronteiras esta



DIREITOS RESERVADOS

vam fechadas devido à pandemia, não havia comboios ou aviões. Como viajar no inverno não era opção, por causa do arnês, do telemóvel e do guarda-chuva, acabei por calendarizar a viagem para setembro de 2021.

Depois surgiu-me a ideia maluca de, já que ia estar em Roma, conseguir uma audiência com o Papa. Tomei conhecimento que, nessa altura da minha viagem, o Papa estaria numa visita a Bratislava e Budapeste. Consegui agilizar com a minha agência o adiamento de toda a viagem uma semana para frente, de forma a poder estar com ele, a 22 de setembro.

Agora olho para trás, para o dia 14 de setembro, quando parti, quando entrei no comboio em Campanhã, e percebo que fiz aquilo com a maior das naturalidades. Como é que eu não pensei “no que é que me estou a meter nos próximos 24 dias?” . É algo que vai estar documentado no meu segundo livro, agora em abril.

Que principais dificuldades é que encontrou durante esses 24 dias? O Zangão foi crucial para o sucesso dessa viagem?

O Zangão foi crucial em tudo. Aliás, sem o cão não seria possível uma pessoa cega fazer essa viagem. Até podia ser possível, mas seria um desafio muito maior. Por exemplo, eu saio do comboio, num sítio onde nunca estive, numa cidade estrangeira, e peço ao meu cão a porta ou o passeio e ele encaminha-se para lá, caso esteja no seu ângulo de visão. Caso não esteja, ele vai ficar parado e vai ignorar aquilo que eu estou a pedir. Nas estações há sempre pessoas com malas, pessoas com trolleys, o que representa uma indicação sonora. Nesse caso, eu vou fazendo tentativas até encontrar um caminho. É isto que não é possível fazer sem um cão-guia.

Relativamente às dificuldades, posso dizer que andei tão entusiasmado a viagem toda que as superei facilmente. Aquilo que consigo falar mais facilmente são as atitudes de empatia que fui tendo ao longo do percurso. Por exemplo, na viagem de TGV, de Barcelona para Paris, entrou uma menina que queria ocupar o lugar ao meu lado, onde estava, na altura, o Zangão. Não é costume ele ocupar um lugar, mas, ao contrário do Alfa, o TVG não tem espaço para que ele fique debaixo do banco. Quase meia carruagem se levantou a explicar que era um cão-guia, apesar de eu explicar que não havia qualquer problema em que ela ocupasse o seu lugar por



direito. Assim que se apercebeu, também ela foi flexível em ocupar um outro lugar que estivesse vazio.

Lançou, em setembro de 2020, o livro “Nasci de Novo: Como o meu cão-guia Zangão transformou a minha vida”. Como é que surgiu esta ideia?

É um livro de crónicas. Costumo dizer que decidi escrevê-lo quando já ia a meio. Estava na fase em que o meu projeto pela Europa estava suspenso e eu estava em teletrabalho. Estava a fazer três anos desde o meu estágio para ter um cão-guia e apercebi-me que tinha uma série de memórias e coisas super engraçadas que aconteceram durante o estágio. Foram situações transformadoras da minha vida e não me queria esquecer delas, o que me fez começar a escrever um texto por cada dia de estágio. Comecei a partilhar nas redes sociais, sem grandes expectativas. Comecei a ter um grande número de interações, então pesquisei qual seria o processo para fazer um livro. Depois de descobrir uma solução interessante para mim, decidi dar continuidade ao hábito da escrita que já tinha criado.

E sabemos que está para breve o lançamento do seu segundo livro...

Este é um livro que já acabei de escrever em junho do ano passado. São abordadas questões como as crenças limitadoras, da coragem, visualização, estratégia, objetivos e superação. É sobre nós assumirmos a responsabilidade sobre a própria vida e não ficarmos condicionados pelas desculpas ou pelas circunstâncias externas, que acabam por ser desculpas na nossa vida.

Acaba por ser a descrição cronológica de todas as experiências em todas essas cidades e os transportes entre elas, mas também as experiências com as pessoas, nos hotéis, nos eventos...

Relativamente à realidade vivida em Portugal, considera que os invisuais têm os apoios necessários? Considera que faltam, por exemplo, mais entidades que possam formar cães-guia para que estes possam devolver qualidade de vida?

Faltam, claramente, cães-guia. Em Portugal, treinamos muito poucos cães-guia porque a escola tem limitações de recursos materiais, financeiros e outros. Só está a entregar cerca de 10 a 14 cães



"NÃO FAZ SENTIDO, POR EXEMPLO, ENTREGARMOS TANTOS CÃES NA HISTÓRIA DA NOSSA ESCOLA DE CÃES-GUIA COMO ESPANHA FAZ NUM ÚNICO ANO."

por ano. Neste momento, há cerca de 130 utilizadores. No entanto, os cães têm uma vida útil de trabalho de 8 a 10 anos. Ou seja, é fácil perceber que uma instituição que treina pouco mais que 10 cães por ano, quase todos eles são para substituir cães que estão reformados.

Existe uma fila de espera longa, que já vai nos três a quatro anos, com tendência a aumentar. É um cenário que não vai, de forma nenhuma, de encontro àquilo que é desejável. Em Portugal, o modelo de treino adotado demora cerca de dois anos. É feita uma triagem, até aos seis meses, para ver se o cão cumpre os critérios de elegibilidade para ser cão-guia, se é potencialmente um cão tranquilo, sossegado, saudável e com bom temperamento. Até ao primeiro ano, os cães estão em famílias de acolhimento que começam a levar os cães para o trabalho, para os restaurantes, entre outros locais que desenvolvam a socialização.

O período seguinte, até aos dois anos ou dois anos e meio, acontece na escola onde o cão terá a formação diária, através de recompensas positivas. Se o cão completar com êxito esta formação, é feita a atribuição a uma pessoa cega.

DIREITOS RESERVADOS



Considera que as cidades estão suficientemente bem preparadas para a comunidade invisual?

Para uma pessoa que anda com um cão-guia não há grandes entraves. Mais do que na acessibilidade, costumo dizer é que há mais restrições no que toca ao acesso à informação. Além dos semáforos com aviso sonoro, agora também se fala muito acerca dos sensores de vibração, para as pessoas cego-surdas. Já há sistemas, no estrangeiro, em que as pessoas tocam para ativar e consegue-se sentir a vibração. Apesar de eu não sentir muitas dificuldades, reconheço que há várias coisas que se podem fazer. Há sempre aquele problema dos estacionamento nos passeios em que o cão vai ter que descer para a estrada e é preciso estar atento. São questões que se colocam mais quando se usam as bengalas.

O que é que gostava de fazer e que ainda não conseguiu?

Há muitos projetos que ainda gostava de concretizar, mas tenho sempre a limitação do meu cão, que só tem mais dois anos de trabalho, em condições normais. Gostava de fazer a viagem à América Latina, que teria de ser feita no próximo ano. Se isso não for possível, talvez tenha já de ser com outro cão e numa outra fase.

Tenho ainda outro projeto, que considero muito ambicioso e que já ando a trabalhar há dois anos, que é alargar a oferta de cães-guia em Portugal. Não faz sentido, por exemplo, entregarmos tantos cães na história da nossa escola de cães-guia como Espanha faz num único ano. O que já é feito é muito bom e faz muita diferença, mas peço pela falta de ambição. Deveria estar a ser feito muito mais.

PUB

ARCOL
Cash & Carry



**GUIMARÃES
SANTA MARIA DA FEIRA
LISBOA
FARO**

www.arcol.pt

LUGARES

"DEUS LO DEU, DEUS LO HA DADO"

FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS



Tendencialmente poderemos pensar em Monção como um lugar distante, lá para cima, no interior do Alto Minho, de difícil acesso e predicados que não justificam a viagem até lá.

Sou Vianense, Monção pertence ao meu distrito e, contra mim falo, quando percebo que demorei tantos anos a descobrir esta maravilha do nosso país. Sendo mais correto, toda a zona da Raia minhota me fascina, mas, não escondo, particularmente Monção.

As montanhas e vales imensos mantêm sempre a natureza por perto, as muralhas parecem proteger-me da inquietude do dia a dia, a gastronomia anestesia-me, os banhos nas termas relaxam-me, o deambular pelas pitorescas vielas aconchega-me, as surpresas parecem não ter fim e as pessoas tocam-me.

O Rio Minho acompanha-me ao longo dum prazeroso passeio por cuidados passadiços de madeira, perfeitamente esculpido, conduzindo-me ao interior da vila muralhada, que tão belos segredos esconde. A receita é simples, desfrutar de cada pormenor, seja sentado num banco da Praça Deu-la-Deu ou numa esplanada com um copo de Alvarinho na mão. É possível passar horas neste exercício contemplativo, escutando o português galego das gentes da terra, espreitando a cumplicidade das pessoas, num lugar onde todos se parecem conhecer.



Monção tem vida e quer partilhá-la com todos, tal como o faz com as suas tradições. A Feira da Foda [que delícia de prato!], o Rally à Lampreia [para quem aprecia...], a Feira do Alvarinho [é preciso opinar?] e um sem fim de eventos que revelam um pouco mais da alma desta terra.

Com tempo, arrisquei deixar a proteção das muralhas e parti à descoberta de novos adjetivos, correndo o risco de ficar ainda mais preso a este lugar. Tal como temia, foi precisamente isso que aconteceu.

Caminhei por uma pequena rota de velhos moinhos até me deparar com a fresca e surpreendente Cascata do Fojo, na freguesia de A Lara. Viajei no tempo e na história ao conhecer os recantos e curiosidades do impactante Palácio da Brejoeira. Calcorreei mais um cuidado passado até chegar ao ponto setentrional de Portugal: Cevide. No pequeno lugar de Lapela, vi uma torre de menagem erguer-se por entre os telhados das casas deste lugarejo. E o que dizer da Branda de Santo António de Val de Poldros, perdida no alto duma gigante montanha, com as suas casas de pedra, perfeitamente imperfeitas, tão graciosas, que convidam a lá permanecer sem nada mais além do que aquela paz?

Cabe tanto neste nome: Monção.



Rui Passos
Escritor



PUB



FUNERÁRIA
PASSOS
NOS MOMENTOS DIFÍCEIS AGIMOS POR SI

CLIQUE AQUI 



NASCEU COM AS CORRIDAS E CRESCEU COM O FUTEBOL

TEXTO: VÍTOR JORGE OLIVEIRA • FOTOGRAFIAS: CLÁUDIA CRESPO

Fundado em outubro de 1980, o atletismo foi a modalidade rainha do Grupo Recreativo Cultural e Desportivo de Santiago durante muitos anos. Com o aparecimento do futebol, o clube cresceu dentro e fora de campo.

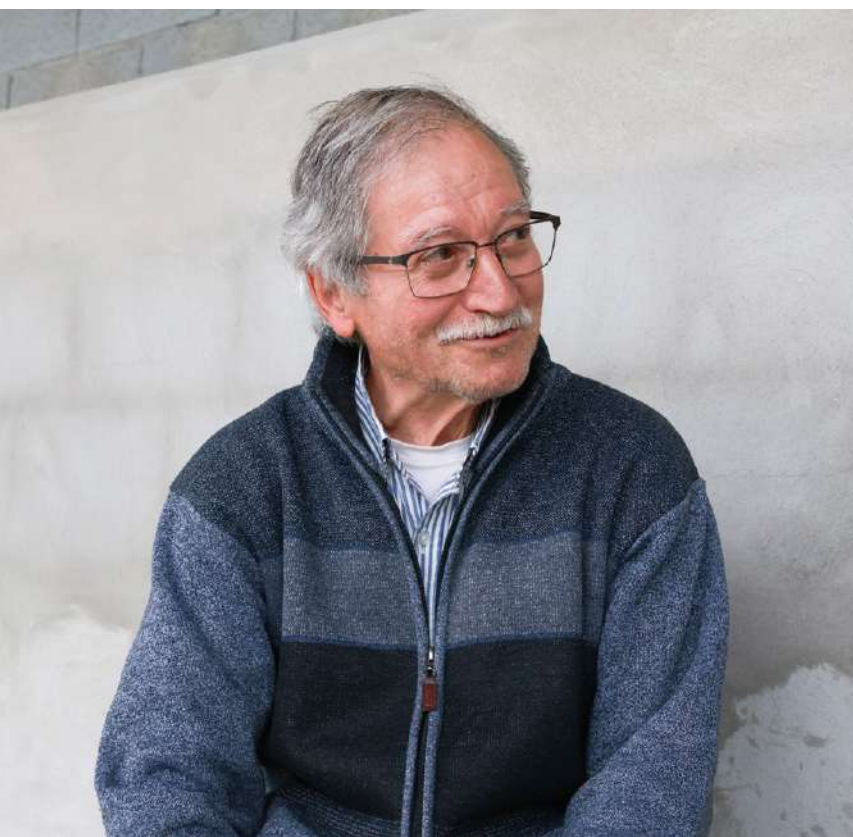
A história é feita de factos e de pessoas e, no Grupo Recreativo Cultural e Desportivo de Santiago, Rodrigo Pacheco, de 76 anos, é figura incontornável do passado e presente da coletividade. Sócio fundador e ainda no ativo como presidente da mesa da assembleia geral, após 33 anos como presidente, Rodrigo Pacheco recuou ao passado com a Mais Guimarães, recordando os primeiros tempos da coletividade, fundada a 5 de outubro de 1980. “Por ser feriado, houve uma assembleia da junta de freguesia. Na altura era secretário da junta e propus o nascimento de um clube na freguesia. Aceitaram e arrancamos com o atletismo, até porque não tínhamos campo de futebol”, recordou. “E tivemos muitas alegrias”, acrescentou, com um sorriso nostálgico das boas memórias. “Eram tempos difíceis, mas fizemos 29 grandes prémios na freguesia. Eram dispendiosos e praticamente tínhamos de pedir donativos em todas as casas”.



Nos tempos atuais, as cores do clube já não percorrem os trilhos e as estradas nacionais. Apesar da mágoa, Rodrigo Pacheco entende as decisões, “porque foram muitos anos de dedicação. Custou-me deixar o atletismo e chorei muitas vezes a ver provas. O presidente João Faria chegou-me a lançar o desafio para fazermos uma equipa de atletismo, mas depois caía tudo para cima de mim”. Na esperança que o clube não desça de divisão, acredita que o presidente “tem feito um grande trabalho e o clube evoluiu muito. Pediu-me para ajudar e continuo como presidente da mesa da assembleia geral”.

O futebol no clube surgiu com naturalidade. “Mais tarde, como havia gente que gostava de futebol, começou-se a pensar nisso. Quando o Bruno Faria tomou conta da junta de freguesia e como gostava mais de futebol, consegui colocar o atual espaço ativo e começamos a jogar futebol popular. Ainda tive nove anos como presidente”.

Nascido no mesmo ano do clube, mas em abril, João Faria tem sido o líder de uma direção que tem contribuído para o crescimento do clube. A obra está à vista de toda a gente, mas o responsável máximo quer mais e está “cá para ajudar o clube a evoluir. Mas falta ainda fazer muito, como melhorar os balneários, construir mais um, melhorar a bancada e criar uma zona de bar para os adeptos visitantes. Além disso, estamos a construir um campo de futebol de cinco para os traquinas e petizes”, enumerou. E qual tem sido o segredo? “É o



trabalho, a dedicação, e gostarmos muito do que estamos a fazer”, justificou. A recandidatura está em cima da mesa, mas ainda não está definida. “A seu tempo irei anunciar a decisão. Tem sido desgastante, mas gratificante. Quando andamos por gosto, as coisas tornam-se mais fáceis. Somos uma família grande, mas queremos continuar a crescer de forma sustentada”, assumiu.

No crescimento do clube, Carlos Fernandes tem sido um aliado importante no trabalho já efetuado. “Quando fui convidado, confesso que fiquei um bocado surpreendido, até porque Santiago não me dizia nada, porque era uma freguesia vizinha. Mas a união de freguesias motivou-me a aceitar o desafio. Foi-me apresentado um projeto aliciante, interessante e grande. Gostei das ideias que foram transmitidas”, recordou.

A mudança de nome no futebol para Santiago Mascotelos Futebol Clube é justificada pela união das freguesias de Santiago e Mascotelos e “surge de maneira que as pessoas de Mascotelos sentissem também ligação ao clube. Vimos o bebé a crescer e nesta fase já está na adolescência. É um orgulho ver esta evolução e crescimento. Muito de nós está aqui, quer a nível de infraestruturas, quer a nível desportivo. É uma segunda casa. Passamos muitas horas das nossas vidas aqui. Mas temos gosto”, confessou.

Numa caminhada de sucesso, há episódios caricatos que não se esquecem, como a primeira época que foi criada “uma equipa forte e já a pensar no futebol federado”. Construíram um plantel “para ganhar o campeonato, a Taça Cidade-Berço e a Taça Inter-Concelhia. Acabamos por ganhar as duas últimas, menos o campeonato. Não nos deixaram. No campo do Pinheiro, quando estávamos em primeiro lugar, um jogador nosso sofreu um penálti e ficou lesionado mais de um mês. Saio do banco e pergunto ao juiz: não marca penálti? Ouviu-se em Santiago. E ele diz: penálti que se ouve não se marca”, lembrou. “Nesse mesmo jogo, já na segunda parte, o nosso jogador finaliza para golo e um jogador de campo do Pinheiro voou à guarda-redes e fez uma defesa monumental. O árbitro, além de não marcar penálti e não expulsar o jogador, mandou marcar um pontapé de canto”.

Com 20 anos de dedicação ao clube, “Nandinho”, como é carinhosamente conhecido, já desempenhou várias funções na coletividade. “Tenho paixão pelo clube. Somos poucos e vou ajudando no que me pedem. Mas também devo muito ao clube. No passado tive um problema com álcool e refugiei-me aqui. Deixei esse vício, com apoio do presidente e do senhor Carlos. Somos uma família e todos me ajudaram”, reconheceu.

Ao longo dos anos, Nandinho também passou por várias peripécias, recordando com um sorriso rasgado um episódio registado em Calvos em que o árbitro expulsou toda a gente do banco. Apenas ficou Nandinho. E o fiscal de linha ainda lhe disse: “fique calado, caso contrário também vai para a rua”.

As camadas jovens têm acompanhado a evolução da coletividade. A garantia é dada pelo coordenador Rui Lopes. “O clube tem crescido muito e, neste momento, temos 186 jogadores nas camadas jovens. Temos equipas em todos os escalões. É um clube com margem para progredir, oferecendo as condições ideais. Queremos continuar a crescer em quantidade e em qualidade”, explicou.

As dores de cabeça fazem parte do trabalho. “Tentamos de alguma forma educar, não só os miúdos, mas também um pouco os pais. Não é fácil, mas faz parte”, adianta. E quem dá mais dores de cabeça. Os miúdos ou os pais? “Como é óbvio, são os pais. Se os pais deixassem os miúdos andarem mais à vontade e não colocassem qualquer tipo de pressão, acho que todos ficariam a ganhar, inclusive o próprio atleta. É para eles que trabalhamos. Costumo dizer bastantes vezes e há pais que não gostam muito, mas aqui trabalho para os atletas e não para os pais”, adiantou.



No plano desportivo, o coletivo liderado por André Pereira procura a permanência no Pró-Nacional. O responsável técnico dá voz à confiança existente. “Há muitos pontos em disputa e acreditamos que é possível, pois a qualidade de jogo tem sido positiva”, revelou. O jovem treinador destacou ainda as razões que ditaram a sua aposta no clube. “Estou feliz. Encontrei um clube saudável, com gente jovem, com mentalidade jovem e com visão”, admitiu.

Antigo profissional do Vitória, Tiago Targino é um nome sonante no grupo de trabalho. O extremo quer deixar a sua marca. “Estou feliz e estou à procura da melhor forma. Quero passar algumas das experiências da minha carreira aos colegas. Depois, com o tempo, quero ajudar a equipa dentro de campo”, disse.

Numa caminhada de altos e baixos, Targino quer trabalhar no futuro nas “camadas jovens”. No entanto, das histórias do passado, o jogador não esquece uma. “Quando jogava no Vitória, fomos jogar contra o Zenit e perdi o passaporte no aeroporto. Por acaso, quem o encontrou foi o João Faria, atual presidente do Santiago Mascotelos. Passados estes anos todos, estamos juntos. E estou muito feliz”.



PUB



Roady
CENTRO AUTO



Loja e Oficina
ABERTO TODOS OS DIAS
INCLUINDO FINS DE SEMANA E FERIADOS

🕒 08h30 às 20h00
☎ 253 400 435
CUSTO DE CHAMADA NACIONAL

**Mercado dos Mosqueteiros
junto ao Intermarché de Urgez**



FUTEBOL À LUPA

UM NOVO CONCEITO...FORA DA CAIXA...

TEXTO: VASCO ANDRÉ RODRIGUES • FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS

UM ESTRANHO REGULAMENTO DO MULTAS...

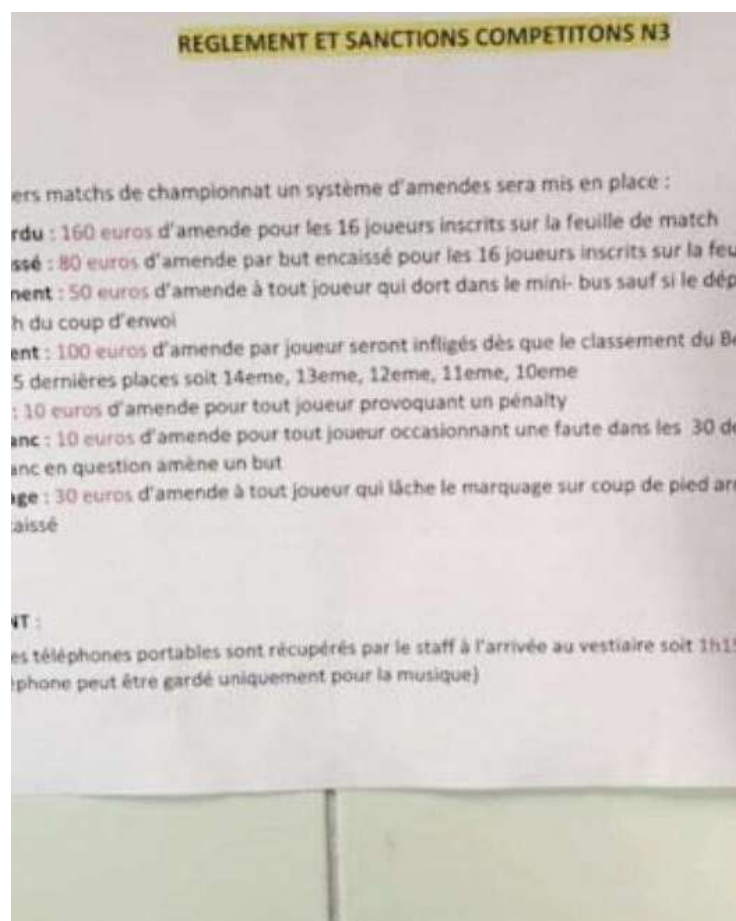
O Besançon Foot actua no quinto escalão do futebol francês, tendo sido fundado em 2014.

Com claras ambições em subir ao escalão antecedente, os responsáveis do emblema quase na fronteira com Suíça não hesitaram.

Apostaram num estranho regulamento interno que previa uma série de penas para as mais improváveis e inusitadas situações. Assim, estas regras aplicáveis para os derradeiros nove desafios do campeonato, estipulava uma penalização monetária de 160 euros por derrota ou 80 euros por cada golo sofrido para os 16 jogadores insertos na folha de jogo. Ainda estatua uma multa de 50 euros para o jogador que adormecesse no autocarro se a viagem demorasse menos de 3 horas.

Duas semanas depois e após a fotografia do papel, que fora afixado na parede do balneário, ter corrido as redes sociais, o presidente veio revogar o que houvera, anteriormente, decidido.

Se a moda [realmente] pegasse...



CRIPTOMOEDAS ARRASAM ANTIGA ESTRELA DE ABEL

Gustavo Scarpa actuou no Palmeiras de Abel até ao passado mês de Janeiro, altura em que rumou a Inglaterra para actuar no Nottingham Forest.

Porém, antes de partir, confiando no aconselhamento do seu antigo colega de equipa no Verdão, Willian Bigode, investiu 6,3 milhões de reais, cerca de 1,20 milhões de euros, em criptomoedas. Tal passo foi também dado por outros jogadores do clube paulista, como Mayke ou Weverton que investiram nessa forma de gerar proventos.

A operação financeira foi recomendada pela empresa WLJC, que tem o citado Willian Bigode como um dos sócios. Esta afirmava que seria altamente rentável realizar uma operação de criptomoedas, através da sociedade XLand, Exchange sediada no Acre e especializada na gestão de criptoativos por meio de contratos de custódia. Por essa razão, Mayke terá investido 4,5 milhões de reais com a promessa de receber mais 3,2 milhões de retorno. Já Scarpa, que foi eleito o craque do Brasileirão de 2022, entregou a quantia supra mencionada à empresa. Sofreram um golpe na ordem global dos 11 milhões de reais cerca de 2 milhões de euros, culpando o antigo colega pelo sucedido.

Este em sua defesa diria, também, ser lesado, pois perdeu dinheiro, afirmando que "“Não sou dono e nem sócio da XLand, muito

menos golpista. Até porque não peguei dinheiro de ninguém. Eu sou vítima, porque até hoje não recebi meu recurso. E o mais doloroso, constrangedor e triste é ver e ouvir mentiras e calúnias, mas minha equipe de advogados já está tomando todas as medidas cabíveis”.

Além disso, quando confrontado com as reclamações de Scarpa, afirmando que “É meu património quase todo, não posso correr esse risco de perder,” apenas afirmou que ““Questão que agora é orar”, num claro sinal de impotência em resolver a questão de um mercado extremamente volátil, com flutuações sucessivas e inesperadas, tendo os jogadores sido seduzidos pelo facto de nos anos de 2020 e 2021, terem existido períodos de valorização expressiva nesta modalidade de investimento. O bitcoin, uma das suas expressões, por exemplo, subiu mais de 400% em 2020.

Não obstante isso será um ativo de alta imprevisibilidade. Quem oferecer rendimento garantidos estará a ludibriar os investidores... como Scarpa!

A QATAR SPORTS INVESTMENT PARECE NÃO QUERER PARAR...

A sociedade dona do Paris Saint-Germain, depois de ter adquirido cerca de 22% da sociedade anónima do SC Braga à Olivedesportos, prepara-se para adquirir o Málaga, que poderá ser o terceiro clube a entrar no universo qatari, vincando o desejo expansionista do grupo. Segundo o portal RMC Sport, o acordo ainda não se encontra fechado, estando as partes em negociações.

O clube da Andaluzia encontra-se actualmente nos últimos postos do segundo escalão espanhol, depois de ter passado por um período áureo na década passada. Com efeito, a equipa chegou a atingir os quartos de final da Liga dos Campeões em 2013, para, contudo, cair no segundo escalão no final da época de 2016/17.

Caso a QSI assuma o clube, o mesmo não mudará de nacionalidade na propriedade, uma vez que é detido desde 2010 de Abdullah bin Nasser Al-Thani, antigo primeiro-ministro do Qatar e parente distante do emir, ainda que tenha as acções apreendidas judicialmente no tribunal de Málaga. Assim, para poder negociar com a QSI terá de pagar 9 milhões de euros para libertar os 51% do pacote accionário que possui de ónus e encargos e, posteriormente, sentar-se à mesa com os pretendentes.

Mais um clube na rota do Qatar?



PUB



CREIXOMIL

Rua da Índia,
nº 462, Loja 4,
4835-061

TROFA

Rua Costa Ferreira,
nº 100, Loja 4,
4785-298

RONFE

Alameda Professor
Abel Salazar, nº 29
4805-375

Segunda a Sábado

08h00 às 20h00



SEU JORGE E DANIEL JOBIM CANTAM TOM JOBIM EM GUIMARÃES

TEXTO: JOANA MENESES • FOTOGRAFIAS: DIREITOS RESERVADOS

A obra de um dos artistas mais relevantes da música popular brasileira será interpretada por Seu Jorge e Daniel Jobim, que emprestam os seus talentos e reproduzem parte da obra de Tom Jobim. Apresentam este espetáculo ao vivo, dia 22 de abril, no Multiusos de Guimarães.

O repertório deste espetáculo terá as exaltações de Tom ao amor e ao Rio de Janeiro, as parcerias com Vinícius de Moraes e de tantos outros como está patente em “Corcovado”, “Garota de Ipanema”, “Luíza”, “Eu Sei Que Vou Te Amar”, “Lígia” ou “A Felicidade”.

Seu Jorge sempre teve o desejo de interpretar a obra de Tom e viu a oportunidade surgir após o reencontro com Daniel Jobim. Assim, durante o concerto, alternam momentos nostálgicos, grandes versões e impressões pessoais sobre o poeta.

“Tom Jobim foi, sem sombra de dúvidas, um dos maiores compositores do mundo e um dos maiores heróis da música brasileira, uma mente criadora com a preocupação de fazer uma música genuinamente brasileira com os seus belos acordes e poesia pura. As suas canções eternas enchem o coração das pessoas de alegria, romantismo e esperança”, reflete Seu Jorge.



QUIZ



1 – ONDE FICA LOCALIZADA A MAIOR ESTÁTUA DO MUNDO ?

- a) India b) China c) Irlanda d) Russia



2 – QUANTOS GRAMMYS A BEYONCE JÁ GANHOU?

- a) 25 b) 18 c) 32 d) 29



3 – QUAL DESTES ARTISTAS MÚSICAIS FOI TESTEMUNHA DE JEOVÁ?

- a) Prince
b) Mickael Jackson
c) Freddi Mercury
d) Mick Jagger



4- QUAL FOI O MONUMENTO MAIS VISITADO EM PORTUGAL EM 2022

- a) Panteão Nacional
b) Mosteiro dos Jerónimos
c) Convento de Cristo



5 – QUANTAS CORES PODE TER O BORDADO DE GUIMARÃES?

- a) 8
b) 10
c) 6





MULTIUSOS
DE GUIMARÃES

PUB



AMÁLIA HOJE

10 JUNHO

21H30

BILHETES À VENDA MEOBLUETICKET.PT E NOS LOCAIS HABITUAIS



TEMPO LIVRE GUIMARÃES



CV MUSIC

M6